



Carícias ao luar

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 96



Livros Abril
Título original: **"A Duke in Danger"**
Copyright: © Cartland Promotions 1983
Tradução: Maria do Rosário Sobral
Copyright para a língua portuguesa: 1984 Abril S.A. Cultural — São Paulo
Esta obra foi integralmente composta e impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

Alvina estremeceu, procurando esconder o corpo com o xale que carregava nos ombros. Sua única proteção contra a vergonha e a timidez de estar ali, na frente do duque de Harlington, vestida apenas com aquela camisola transparente. Ele olhava, fascinado e enternecido, aquela figura pálida e etérea sob a luz do luar que banhava a torre do castelo. E, no entanto, há bem pouco tempo ele odiara aquela prima que ousara trair a honra e as tradições da família, desprezando os valores pelos quais ele lutara nos campos de batalha. Agora, era ele que ia traí-la, só que de uma forma adorável, roubando-lhe um beijo... um doce beijo de amor!

CAPÍTULO I

1818

O duque de Harlington chegou à entrada de Harlington House, Berkeley Square, e olhou à sua volta, satisfeito. A casa estava em ótimo estado de conservação e ele pôde verificar, com certo orgulho, que os retratos de seus antepassados continuavam nas paredes e enfileirados pela escada cima.

Havia também alguns quadros, autênticas obras-primas francesas, adquiridas por um duque de sua família, séculos atrás.

Recém-chegado da França, após a guerra contra Napoleão, o duque de Harlington percebia, enquanto admirava aqueles quadros, o quanto havia aumentado seus conhecimentos.

Sua sensibilidade parecia muito mais aguçada agora, e ele conseguia até mesmo reconhecer facilmente obras de artistas franceses.

Alto e muito atraente, tantos anos como soldado tinham deixado marcas na sua postura e talvez também na expressão de seus olhos. As mulheres com quem se envolvera até hoje costumavam dizer que aqueles olhos pareciam estar sempre procurando algo por detrás das aparências.

Não estava bem certo do que elas queriam dizer com isso, mas tinha aprendido a julgar homens e mulheres por suas reais personalidades, em vez de se deixar levar pelas qualidades superficiais.

Na realidade, era graças à sua compreensão da natureza humana que ele possuía uma importante posição na armada de Wellington.

Alguém dissera uma vez que ele não só era um líder, como também tinha o carisma dos grandes chefes.

O duque riu quando tomou conhecimento desse elogio. Por outro lado, como não era nada presunçoso, não estava certo da veracidade dessa afirmação.

Agora, ao passar do vestíbulo para o salão, e dali para a biblioteca, pensava que poucos homens teriam tanta sorte na vida como ele.

Sobrevivera a cinco cruéis anos em Portugal e na Espanha, depois na França, e finalmente em Waterloo, sem sequer receber um ferimento. Vários dos seus amigos e companheiros foram mortos a seu lado.

Pela sua evidente habilidade, não só como soldado, mas também como diplomata, tinha se tornado imprescindível ao “Duque de Ferro”, durante o período da Ocupação.

Todos esses anos de guerra foram uma época de frustração e de drama político que marcaram a Inglaterra e a Europa inteira.

Mas, embora parecesse incrível, tudo isso tinha acabado e no fim do ano o exército de Ocupação poderia voltar para casa.

Já haviam se passado três anos desde Waterloo e depois de todas as dramáticas discussões, das decisões tomadas e desfeitas, dos temperamentos alterados, o duque mal podia acreditar que, neste momento, era um homem livre.

Ainda faltava o congresso de Aix-la-Chapelle, que teria lugar em outubro, mas independente disso, o exército sairia da França em 30 de novembro.

Considerando que o duque de Harlington tinha seus problemas pessoais para resolver, Wellington permitira, relutantemente, que ele deixasse o exército no princípio do verão para tratar dos seus negócios.

Fora uma surpresa realmente agradável chegar a Londres e encontrar a Harlington House tão bem conservada.

Antes de vir, ele tinha mandado na frente um dos seus ajudantes de campo, um homem de toda a confiança, com instruções para avisar o pessoal da sua próxima chegada.

Pretendia ficar em casa enquanto esperava a hora de procurar o príncipe regente. Se o rei estivesse bem, logo iria visitá-lo no palácio de Buckingham.

Era estranho voltar à Inglaterra depois de tantos anos no estrangeiro, e mais estranho ainda o fato de saber que a sua posição, agora, era muito diferente de quando havia partido.

Naquela época, como Dave Harling, um dos mais jovens coronéis do exército inglês, tinha descoberto muita coisa que o divertia, a maioria, infelizmente, muito além das suas posses.

Agora, como duque de Harlington, não era apenas um distinto aristocrata, com as obrigações que a sua herança exigia, mas também um homem muito rico.

As cartas que recebera em Paris, dos banqueiros do último duque, incluíam desde uma lista de propriedades, que agora eram suas, a um extrato

do dinheiro que estava em seu nome.

A soma total parecia enorme, mas como havia muito a fazer por Wellington, o novo duque deixou suas necessidades pessoais de lado e colocou a propriedade em primeiro lugar.

Assim que chegou à biblioteca, ficou olhando para as encadernações de couro dos livros que formavam uma parafernália de cores nas estantes. Depois, dedicou-se a apreciar um bonito quadro com cavalos, pintado por Stubbs, que estava em cima da lareira.

Neste momento, o velho mordomo entrou na sala.

Um criado vinha atrás com uma bandeja de prata e um balde de gelo com o brasão da família, onde repousava uma garrafa de champanhe, aberta.

Assim que este lhe estendeu o copo, o duque reparou imediatamente que a libré não lhe caía bem e que as meias estavam amassadas.

Fez um esforço para não repreender o homem.

Quando o criado colocou a bandeja numa mesa, o mordomo pareceu hesitar e o duque entendeu que ele queria dizer alguma coisa.

— O que é? — perguntou. — Creio que seu nome é Bateson, não?

— Sim, Vossa Alteza, correto.

Fez uma pausa e, ainda hesitando, voltou a falar:

— Espero que Vossa Alteza encontre tudo a vosso contento, mas nós só tivemos três dias para nos preparar para a sua visita e a casa esteve fechada nos últimos seis anos.

— Eu estava mesmo pensando em como está bem conservada — respondeu o duque, amavelmente.

— Trabalhamos muito, mas apesar de eu ter contratado várias mulheres para limpar todas as dependências que Vossa Alteza possivelmente gostaria de usar, ainda há muito para fazer.

— Creio que com o último duque tão doente e sem poder vir a Londres nos seus últimos anos de vida, você deve ter reduzido a criadagem.

— Éramos só minha mulher e eu, Alteza. O duque levantou as sobrancelhas.

— Certamente que é muito pouco numa casa tão grande. Apesar disso a casa está como eu esperava.

— Muito obrigado, Alteza. E se tiver permissão para contratar mais empregados, tenho certeza que em breve tudo voltará a ser como nos velhos tempos.

– Claro!

O duque sorriu disfarçadamente, ao ouvir as palavras do mordomo.

As referências aos velhos tempos haviam se tornado uma brincadeira muito difundida no exército, nos círculos políticos e diplomáticos e, pelo visto, nos domésticos também.

Em todos os países que ele tinha visitado, desde que a paz fora declarada, as pessoas falavam nos “velhos tempos”, como se naquela época tudo fosse melhor, se comparado com os tempos de agora.

Tinha certeza absoluta que na Inglaterra iriam lhe repetir essas palavras vezes sem fim.

Percebendo que o duque não queria continuar o assunto, o mordomo avisou:

– O almoço estará pronto daqui a pouco, Alteza. Espero que seja do vosso gosto.

Depois que Bateson se retirou, o duque pensou em como aquele homem tentava lhe agradar de uma forma quase patética. Ficou imaginando que idade teria.

Lembrou-se que quando era menino e o pai o trouxera para esta casa, Bateson já trabalhava ali e os recebera com a mesma postura imponente, parado no vestíbulo, com seis criados atrás, saudando os recém-chegados.

“Foi há muito tempo atrás”, disse para si próprio.

Atualmente Bateson devia ter muito mais de sessenta anos, mas depois de dedicar toda a sua vida a serviço do duque não pretendia se aposentar enquanto não fosse realmente necessário. O duque estava a par do desemprego que havia na Inglaterra. Obviamente seria difícil para um homem daquela idade recomeçar em outra profissão.

Além disso, com os desmobilizados do exército de ocupação voltando para casa todos os meses, a situação ia ficar cada vez mais difícil.

Lembrava-se da confusão que o duque de Wellington provocara quando propôs a redução de 30.000 homens no exército.

Disse a si mesmo que, com a fortuna de que dispunha agora, não iria precisar reduzir o número de empregados, mas pelo contrário, os aumentaria em todas as casas que possuía.

Quando foi almoçar, aliás, uma deliciosa refeição servida por Bateson com a ajuda de dois criados, decidiu que a primeira tarefa, de volta à Inglaterra, seria visitar o novo lar, o castelo Harlington, em Suckinghamshire.

Mesmo depois de pensar no assunto durante os últimos dois anos, mal podia acreditar que o castelo era seu, e que se tornara inesperadamente, o quinto duque de Harlington!

Embora sempre sentisse muito orgulho em pertencer a uma família que desde o tempo das cruzadas teve uma importante participação na história da Inglaterra, nunca, nem em sonhos, lhe passara pela cabeça que poderia herdar o ducado.

Tivera sempre o bom senso de perceber que era um insignificante membro dos Harling. Seu pai era apenas primo do duque anterior e havia três pretendentes entre ele e a possibilidade de herdar o título.

Mas a guerra trouxe devastação e morte à nobreza em toda a Europa. O único filho do duque anterior, Richard, morrera em Waterloo.

Dave Harling estivera com ele pouco antes da batalha:

— Se não derrotarmos esses sapos de uma vez por todas, aposto com você um jantar no Whites contra uma caixa de champanhe, como esta guerra vai durar outros cinco anos — Richard esbravejou.

Dave Harling riu.

— Apostado, Richard! Tenho o pressentimento que vou perder, mas será por uma boa causa!

— Não tenha dúvida! — retrucou Richard com uma careta e depois acrescentou: — Falando sério, quais são as nossas possibilidades?

— Excelentes, se a guarda prussiana chegar a tempo.

Os dois ficaram em silêncio por uns momentos, sabendo que a situação era muito mais crítica do que parecia.

— Boa sorte! — falaram ao mesmo tempo, despedindo-se. Galopando seu cavalo, Dave Harling foi para onde Wellington estava observando a batalha e viu o duque ordenar o contra-ataque à sua cavalaria.

Depois, aproximando-se do grande homem, viu quando ele perguntava as horas ao seu ajudante de campo, coronel James Stanhope.

— Quatro e vinte.

— A batalha é minha! E se os prussianos chegarem logo, esta guerra terá um fim — disse Wellington.

Naquele momento, Dave Harling ouviu os primeiros disparos prussianos na cercania de um bosque distante.

O almoço acabou e o duque, de repente, percebeu que a casa estava muito tranquila.

Esse silêncio era estranho para quem estava tão habituado a ter gente movendo-se sem parar à sua volta, estadistas preocupados, entrando e saindo do quartel general de Wellington em Paris, ordens rígidas sendo dadas a todo o momento, queixas de todo tipo, pedidos e informações.

Havia também as festas, recepções, reuniões, bailes, além daqueles encontros onde toda a gente parecia falar, falar, sem querer dizer nada.

Mas não podia esquecer também dos momentos ternos, excitantes e até... muito agradáveis.

Cinicamente pensou que, sendo quem era agora, essas situações iriam se multiplicar e provavelmente seriam muito diferentes daquelas do tempo de guerra.

Sabia que, como o jovem general Harling, famoso pela sua galanteria, as mulheres o achavam atraente.

Pelo menos aquelas com quem tinha convivido em Paris, quer por razões diplomáticas, quer em busca de divertimento, raramente tinham ficado desapontadas.

Enquanto elas tinham muito para lhe oferecer, ele não tinha nada para lhes dar em troca. Depois que no ano anterior, se espalhara a notícia de que ele não era mais apenas um oficial de cavalaria, mas o duque de Harlington, tudo tinha mudado consideravelmente.

Agora era uma ótima presa, do ponto de vista matrimonial.

Por outro lado, lindas e sofisticadas mulheres casadas queriam tê-lo a seus pés e às vezes, deixando de lado a hipocrisia, levá-lo para suas camas.

Os heróis de guerra estavam na moda e toda mulher desejava conquistar para si o herói do momento: o duque de Wellington.

Mas se isso fosse impossível, a escolha recairia, inevitavelmente, no duque de Harlington.

Em certas ocasiões, ele mal conseguia evitar de sorrir ironicamente aos cumprimentos que recebia ou reprimir um comentário cínico, quando se dignava a responder.

Foi seu amigo, o major Gerald Chertson quem traduziu em palavras o que ele próprio já tinha suspeitado.

— Suponho, Dave, que você esteja consciente de que, quando voltar para casa, terá que se casar.

— Por que diabo eu devo fazer isso? — perguntou o duque.

— Primeiro porque você precisa ter um herdeiro. É a obrigação de um

duque! E convém evitar que aquele seu desagradável parente, Jason Harling, tome o seu lugar, como ele está ansioso para fazer.

— Está me dizendo que Jason Harling é herdeiro provável do meu título?

— Certamente — respondeu Gerald Chertson. — Pelo menos, ele tem se gabado disso claramente por toda Paris.

— Nunca tinha pensado no assunto, mas acho que é mesmo! — comentou o duque.

Lembrou-se que Richard Harling não tinha sido o único membro da família a tombar em Waterloo. Outro primo, o sobrinho do último duque, também morrera na batalha, embora só se soubesse da notícia três dias depois.

Quando o quarto duque morreu, em 1817, o título devia ter ido para o pai de Dave, se fosse vivo. Como este já falecera, foi para seu filho.

E nesse momento Gerald lhe lembrava que o outro e mais distante ramo da família era agora representado por Jason Harling.

E ele era, sem dúvida, o único parente de quem o duque se envergonhava.

Fora sempre um alívio não ter Jason por perto durante as batalhas.

Só vieram a se encontrar em Paris, depois de ganharem a guerra. Jason fora sempre uma criança insuportável e tornou-se um homem odioso.

Pouco tinha participado da luta. Conseguiu sempre arranjar esquemas para permanecer em lugares seguros e confortáveis.

Tornou-se ajudante de campo de um general idoso que nunca saiu da Inglaterra, até que os franceses depuseram as armas.

A maneira como Jason manejava os poderosos faria revirar o estômago da maioria dos homens, mas lhe garantiu uma vida extremamente agradável.

Conseguia circular na mais alta sociedade e nunca perdeu uma oportunidade de tirar proveito disso.

O duque ouvira rumores de que ele recebia subornos, aproveitando-se do posto que ocupava. Mas como não era da sua conta, não dera ouvidos a esses comentários.

Agora, como chefe da família, sabia que não poderia mais ignorar Jason, como o fizera no passado. Não podia esquecer que ele seria seu herdeiro, no caso de não ter um filho.

— Se há uma coisa que me faz olhar o casamento com menos aversão,

é a idéia de destruir quaisquer esperanças que Jason tenha de usurpar o meu lugar — comentou com seu amigo Gerald Chertson.

— Ouvi dizer que ele tem pedido dinheiro emprestado, já prevendo essa possibilidade.

— Não posso acreditar! Quem seria louco a ponto de emprestar dinheiro a Jason supondo que eu não tenha um filho?

— Há sempre usurários prontos a correr esses riscos em troca de juros exorbitantes.

— Então devem ser loucos — disse o duque irritado. — Afinal de contas não estou com os pés na cova e sou perfeitamente capaz de formar uma família. E bem grande!

— Claro! Mas para isso você tem que estar vivo...

— O que está insinuando? Gerald fez uma pausa, antes de responder.

— Ouvi dizer, embora não tenha dado muita atenção, que, depois da morte de Richard em Waterloo, Jason fez uma aposta alta, em como você não iria sobreviver à guerra.

— Pois perdeu o dinheiro!

— Concordo que agora você não pode mais ser abatido por uma bala francesa, mas existe sempre a possibilidade de... um acidente.

O duque deu uma gargalhada.

— Francamente, Gerald, agora você está tentando me assustar! Jason é covarde demais para sujar as mãos num assassinato.

— Não creio que fosse Jason quem sujaria as mãos — continuou Gerald Chertson secamente. — Não se esqueça da tentativa de assassinato de Wellington, em fevereiro.

— E verdade, mas André Cantillon era um assassino com uma verdadeira obsessão por Bonaparte.

— Sei disso. Por outro lado, e não estou tentando assustar você, Jason Harling tem uma fanática devoção por ele próprio e pelo futuro.

— Recuso-me a ficar preocupado com uma possibilidade tão absurda — afirmou o duque.

Assim, ao sair da sala de jantar, depois daquele excelente almoço, alguma coisa o incomodava.

Apesar de satisfeito com o título que transformara sua vida num mar de rosas onde antes, por vezes, existiam duros espinhos, o duque não podia esquecer que Jason Harling estava ansioso por assegurar o próprio futuro.

“Suponho que tenho mesmo que me casar”, pensou consigo mesmo. Diante daquele pensamento desagradável, sua mente voou para a linda lady Christine Dalton.

Ela havia deixado bem claro quando se despediram em Paris, que estaria em Londres na próxima semana e esperava passar muito tempo com ele.

Filha de um duque e viúva de um idoso barão que morrera de tanto comer e beber, lady Christine era o que se pode chamar de uma viúva muito alegre.

Se havia muitas mulheres em Paris, entre francesas, inglesas e russas, que estavam ansiosas por consolar os guerreiros, depois de tantos anos de luta, Christine, sem dúvida, era uma delas.

Em todas as festas elas apareciam, e o duque acabou sendo envolvido pelos braços sequiosos de Christine, que lhe oferecera os lábios antes mesmo que ele desejasse beijá-los.

No entanto, era impossível não gostar das delícias que lady Christine lhe propiciava. Ela o fazia sentir-se o único homem na face da terra.

— Eu amo você! Eu quero você! — repetia ela, milhares de vezes. — Amei-o no momento em que o conheci, mesmo antes de desfrutar dessa posição.

Ela o pressionara de várias maneiras e quando passaram a última noite juntos, antes de deixar Paris, deixou bem claro as suas intenções.

— Assim que estiver tudo em ordem, fico com você — Christine insinuou suavemente. — Vamos tornar as nossas festas as mais elegantes, modernas e influentes de toda Londres.

Suspirou, antes de continuar:

— O príncipe regente está ficando velho e a sociedade precisa de um novo líder. Quem pode ser mais atraente, divertido e imponente que você?

Parou, esperando provavelmente ouvi-lo responder que também ninguém poderia ser mais bonita do que ela.

Mas ele viu que estava sendo pressionado a se declarar e ainda não tinha pensado em se casar com ninguém, muito menos com lady Christine.

Pensando melhor no assunto, achou que seria uma união ao gosto de muitos dos Harling e que a sociedade também aprovaria.

Embora Christine tivesse o dom de excitá-lo como poucas mulheres haviam conseguido sua intuição lhe dizia que ela não era a mulher com quem

desejaria passar o resto da vida.

É claro que lady Christine era muito diferente das atraentes jovens portuguesas que se ofereciam aos homens, cansados de lutar duramente na península.

Também era diferente das pequenas e alegres francesas que conseguiam fazer um homem rir, por mais cansado que estivesse, e até achar engraçado ter o bolso assaltado por elas.

Voltando pelo norte da França, enquanto fazia uma péssima travessia do canal, o duque pensava e repensava nas suas propriedades e em Christine também.

Ela era bonita e tinha declarado o seu amor por ele...

Mesmo assim, havia algo muito forte, que ele não sabia o que era e que o impedia de proferir o pedido que ela tanto queria ouvir.

— Eu tenho que ficar com você, Dave. Eu não sei viver sem você e sei que vai se sentir perdido e solitário sem mim.

Nessa ocasião, fora mais fácil fechar sua boca com um beijo do que discutir.

Quando a deixou, sabia que ela estava fechando a casa em Paris, para voltar a Londres.

Fazia parte do plano de se tornar a duquesa de Harlington. Era obstinada e naquele corpo doce e sedutor havia uma vontade de ferro.

O duque sentiu-se desconfortável ao pensar nela.

Foi até a lareira e sacudiu a campainha com tanta força que era impossível Bateson e os criados não escutarem.

Não esperou muito tempo até que a porta se abriu e o mordomo apareceu ofegante.

— Mudei de idéia — disse o duque. — Decidi que vou hoje mesmo visitar o castelo. Não devo levar mais de duas horas para chegar lá.

Viu o constrangimento no rosto de Bateson.

— Vossa Alteza já informou lady Alvina de vossa intenção?

— Eu ia ficar aqui até o fim de semana, mas resolvi ir logo ver o castelo. Volto amanhã ou depois.

— Penso que seria melhor Vossa Alteza avisar antes Sua Senhoria, que está indo para lá.

O duque sorriu.

— Acho que não haverá problema. Vá providenciando o faetonte e a

nova parelha de cavalos que deve estar na cocheira.

Como não queria chegar à Inglaterra sem ter excelentes cavalos à sua disposição, o duque pedira a Gerald, que viera uma semana antes, para lhe comprar os melhores animais de Berkeley Square.

Ele e Gerald compartilhavam do mesmo gosto por cavalos, como também por outras coisas... Vinte minutos depois, quando foi informado de que o faetonte estava à porta, o duque sentiu-se orgulhoso do amigo.

Os quatro alazões faziam uma combinação perfeita. Estavam também muito bem arreados. Assim, faria a viagem de Berkeley Square até o castelo de Harling, o mais rapidamente possível.

Assim que colocaram a sua bagagem no faetonte, falou para Bateson:

— Recomendei ao meu valete para tirar folga hoje e amanhã para visitar os parentes que moram em Londres. Espero que haja alguém para me ajudar lá no castelo.

— Espero que sim, Alteza — murmurou Bateson. — Mas penso que será um erro não levar o vosso próprio criado.

— Você está se preocupando comigo à toa, como fazia quando eu era um menino. Tenho certeza que o castelo continua na mesma.

Saltou para o faetonte e tirou as rédeas do cavaleiro.

Não queria perder essa oportunidade de dirigir os melhores cavalos que já possuía. Sentiu-se satisfeito com a própria atitude.

O faetonte era tão leve que parecia ter asas nas rodas.

Ao dar a volta em Berkeley Square, se tivesse olhado para trás, o duque teria visto Bateson olhando para ele com a preocupação estampada no rosto.

O mordomo entrou em casa, ordenando ao criado que retirasse a passadeira vermelha que cobria as escadas, indo praticamente até a calçada.

Em seguida foi para a cozinha, onde sua mulher estava ajudando na limpeza. As duas novas empregadas não sabiam onde guardar nada.

— Ele já foi? — perguntou a Sra. Bateson. Bateson concordou com a cabeça.

— Não quis avisar lady Alvina da sua chegada.

A Sra. Bateson pôs a pesada panela em cima da mesa com um estrondo.

— Mas nós fomos avisados!

— Sim, eu sei. Sua Alteza ia ficar aqui por vários dias e assim teríamos

tempo de avisar Sua Senhoria.

A Sra. Bateson suspirou.

— Não podemos fazer nada. Suponho que não disse nada a ele?

— Claro que não! Não é da minha competência.

— Ele vai ter um choque, não há dúvida nenhuma! Enquanto ela falava, a campainha da porta tocou. Bateson levantou-se devagar.

— Quem será?

— Algum mensageiro.

— E melhor eu mesmo ir abrir. Esses novos que estão aí nunca sabem o que dizer. Foi se arrastando lentamente pelo corredor, sentindo os pés doerem.

Ao abrir a porta, Bateson teve a surpresa de ver o faetonte do duque parado à porta.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — perguntou ao cavaleiro que estava à sua frente.

— Sua Alteza deixou uns papéis de que precisava na biblioteca.

Bateson sorriu.

Era um alívio descobrir que o seu novo patrão era humano e também cometia erros, como todo o mundo.

— Venha comigo — disse para o rapaz, encaminhando-se para dentro.

Diante da casa, o duque franzia a testa, enquanto segurava as rédeas dos cavalos. Como pôde ser tão estúpido e deixar em casa os papéis que recebera dos banqueiros, com o inventário de tudo quanto havia no castelo?

Estivera tão ocupado, admirando a propriedade e o que estava lá dentro que, por momentos, esqueceu-se do senso de disciplina.

Em todo caso, lembrara logo no início da viagem, portanto não tinha perdido muito tempo.

Foi nesse instante que ouviu uma voz. Olhou para baixo e viu um velho de cabelos brancos e rosto lúgubre, olhando para cima.

— É o novo duque de Harlington, senhor?

— Sou.

— Eu vinha falar com Vossa Alteza.

— Lamento, mas chegou atrasado, pois estou de partida. Voltarei dentro de poucos dias.

— É muito importante que eu fale com Vossa Alteza agora.

— Qual é o assunto?

O duque olhou para a porta, ansioso para que o cavaleiro não se demorasse, pois precisava ir embora logo. Com uma pequena hesitação, o homem falou:

— É a respeito de certos tesouros de família. Tenho aqui um que vai interessar a Vossa Alteza.

— Obrigado, mas não quero comprar nada no momento.

— Não é questão de comprar, Alteza, mas de reaver. Enquanto falava, o homem abriu um saco preto que trazia na mão e dele tirou uma grande jarra de prata. O duque olhou com indiferença, até que viu o brasão gravado num dos lados da jarra.

Reparando melhor, teve certeza que era uma peça rara de prataria, e que provavelmente fora feita pelo famoso ourives de Luís XV, Thomas Germain.

Imediatamente lembrou-se da última vez que havia jantado no castelo. Quase podia jurar que a jarra estava na sala de jantar, entre dois candelabros.

Seu pai, que na ocasião estava com ele, comentara que não havia outra família no país inteiro que tivesse uma coleção de ouro e prata como os Harling.

— Onde você arranjou isso? — perguntou o duque, secamente. Antes que o homem pudesse responder, acrescentou:

— Se foi roubada, não tem o direito de trazê-la consigo!

— Tenho todo o direito, Alteza, como posso lhe provar, se estiver interessado.

O duque respirou fundo.

— Estou interessado e quero uma boa explicação, senão vou levar você para frente de um juiz!

O homem não parecia nada perturbado.

Nesse momento o cavaleiro apareceu com os documentos na mão.

— Segure os cavalos — ordenou o duque. — Tenho que falar com este homem, antes de partir.

Pegou nos documentos e guardou-os no bolso do casaco. Depois desceu para a calçada.

— Venha comigo — disse rispidamente, subindo as escadas. O homem seguiu-o até a biblioteca, onde ficaram a sós.

— Deixe-me ver essa jarra novamente! — ordenou o duque. — Qual é o seu nome?

- Emmanuel Pinchbeck, Alteza. Eu sou penhorista.
- Penhorista? – repetiu o duque.
- “Por essa eu não esperava!”, exclamou consigo mesmo.
- Quer dizer que esta jarra estava penhorada!
- Sim, Alteza, junto com muitas outras coisas.

Os lábios do duque se estreitaram ao colocar a jarra em cima de uma mesa. Era a peça de prata mais linda que ele já vira.

– É melhor você contar tudo desde o começo – disse tranquilamente, mas com um tom de aço na voz. – Diga-me, como se apossou desta jarra? Quem a levou até você?

Sem dizer nada, Emmanuel Pinchbeck tirou uma folha de papel do bolso e entregou-a ao duque. Estava um pouco amarrotada, mas ele conseguiu ler claramente:

“Eu, Emmanuel Pinchbeck, emprestei a quantia de 30 libras, por uma jarra de prata no ano de 1890 que guardarei em minha posse, enquanto os juros de 30% me forem pagos pela proprietária, que aceita os termos do presente contrato. ”

A assinatura estava numa caligrafia elegante e educada:

“Alvina Harling.”

A expressão do duque se endureceu.

- O que é que tem mais, além desta jarra?
- Seis pequenos quadros, Alteza. Além de várias miniaturas, mais quatro jarras, uma caixa de rapé muito requintada, com incrustações em esmeraldas e diamantes, e dois candelabros de ouro que custam muito mais do que o valor da penhora.
- Por que veio ter comigo?
- Fiquei sabendo que havia herdado o título, Alteza, e pensei que seria vantajoso reaver tudo o que está em meu poder.

Fez-se silêncio novamente. Emmanuel Pinchbeck continuou rapidamente:

- Para ser franco Alteza, eu preciso do dinheiro e esse contrato não me é tão vantajoso quanto parece.
- Por que não?
- Essa taxa está muito abaixo dos encargos de um penhorista. Eu não posso pedir o que os objetos valem realmente, porque o preço do ouro e da prata aumentou.

— Quer dizer que venderia mais facilmente se as peças fossem derretidas? — perguntou o duque, horrorizado.

Emmanuel Pinchbeck concordou, simplesmente, com a cabeça.

— Sim, Alteza. Como eu disse, os tempos estão difíceis e não posso manter essas coisas indefinidamente.

— Há quanto tempo está com elas?

— Há aproximadamente três anos, Alteza. Até agora não pude reaver o meu dinheiro. E isso não é nada satisfatório, nada mesmo.

O duque viu que ele falava sério e foi tentando controlar o nervosismo.

Sabia que o homem dizia a verdade e que 30% era muito abaixo do que os penhoristas cobravam. Realmente não era um bom negócio para ele manter mercadorias que não podia vender.

— Vejo que você foi extremamente honesto não vendendo essas peças, principalmente as que podiam ser derretidas. Vou comprar tudo que você empenhou da pessoa que assinou esse papel.

Os olhos do velho se iluminaram e ele sorriu.

— Fico muito grato, Alteza. Quando me contaram da sua bravura em combate, imaginei que me trataria com cavalheirismo. Por isso não tive medo de vir.

— Estou satisfeito por você ter vindo — disse o duque. — Vou lhe pagar imediatamente a dívida dessa jarra. Devo estar de volta a Londres depois de amanhã e sugiro que me traga as outras peças então.

— É muita gentileza de Vossa Alteza.

— Qual é a quantia total dos juros por esta peça? Emmanuel Pinchbeck olhou-o pelo canto do olho, antes de falar:

— Está comigo há dois anos e dois meses, Alteza.

O duque fez uns cálculos rápidos e tirou do bolso do casaco mais dinheiro do que o suficiente para cobrir a dívida.

— Estou muito agradecido, Alteza. Será uma preocupação a menos na minha cabeça e vai melhorar as minhas finanças.

— Daqui a dois dias nos veremos — disse, encerrando a conversa. — Se me demorar mais mandarei avisar quando deve trazer as peças.

— Sim, Alteza.

O duque encaminhou-se para a porta, com Emmanuel Pinchbeck atrás. Bateson estava no vestíbulo e foi até eles.

— Em cima da minha escrivaninha tem uma jarra de prata. Mande-a

limpar e guarde-a até que eu volte.

O tom de voz do duque era frio e Bateson olhou para ele apreensivamente, abrindo a boca para dizer alguma coisa. Era tarde demais.

O duque subiu no faetonte e, pegando as rédeas, partiu rapidamente.

Bateson virou-se para Emmanuel Pinchbeck, falando irritado:

— Veio aqui para arranjar problemas assim que Sua Alteza chegou? Trastes como você só prejudicam este mundo!

— Eu queria o meu dinheiro — respondeu Emmanuel Pinchbeck, num desafio. — Você não tem o direito de me insultar. Dei minha palavra a Sua Senhoria que não venderia nada e não vendi, embora pudesse ganhar um bom dinheiro com as peças.

— Saia! — disse Bateson furioso. — Se tivesse alguma decência, esperaria mais um pouco. Mas não, vocês são todos iguais, gananciosos, gananciosos!

— Não é justo... — começou a protestar o velho penhorista.

Mas ninguém o ouviu. Bateson tinha entrado e batido a porta.

Ao se afastar, Emmanuel Pinchbeck ouviu o barulho das trancas na porta e a chave dando a volta na fechadura.

Para se consolar, levou as mãos ao peito, sorrindo ao sentir as notas que o duque lhe dera.

CAPÍTULO II

À medida que o duque se afastava de Londres, sua irritação ia crescendo. Com todo o dinheiro que o seu antecessor dispunha quando morreu certamente uma parte estava à disposição da filha.

Então a prima Alvina precisava recorrer a penhoristas?

Não podia conceber que ela precisasse tanto de dinheiro, a não ser que estivesse sustentando algum homem que o pai não aprovava.

Cinicamente, pensou que sua opinião sobre a moral e o sentido de honra das mulheres estava sendo muito negativa.

No fundo, sempre desprezara as mulheres que traíam os maridos.

Guardava certo puritanismo que o deixava descontente com a idéia de não ser o primeiro dos amantes de lady Christine.

Tinha quase certeza que, embora ela nunca admitisse, lady Christine traía o marido quando este ainda era vivo e que, depois da morte dele, ela aproveitava bem mais a liberdade.

Tudo isso talvez fosse resultado do exemplo que o herdeiro do trono havia dado, ainda quando era o príncipe de Gales e que fora lei para a maioria da sociedade.

Quando pensava nesse assunto, o duque reconhecia que por mais difícil que fosse, desejava uma esposa diferente.

Na verdade, nunca havia pensado em casamento. Como simples soldado, não poderia ter esse encargo. Mas, atualmente, não só era obrigado a se casar, como também precisava encontrar uma esposa que o agradasse e fosse digna de ser a duquesa de Harlington.

Embora nem sempre acontecesse, sabia que o líder de uma grande família tinha que ser respeitado como o chefe de um clã escocês.

Tempos atrás, antes de o duque de Cumberland desafiar os homens do norte e a lei na Escócia ser reformulada, os chefes dos clãs tinham poder de vida e morte sobre seus homens.

Os duques ingleses, certamente, não o tinham, mas eram vistos, pelo menos nas suas propriedades, como se fossem reis cuja palavra era lei.

“É o mesmo que comandar um exército” pensou o duque, lembrando-se como Wellington era honrado, admirado e estimado pelos homens do

regimento.

Nos seus tempos de exército, o duque conhecera oficiais cuja capacidade de liderança era tamanha que os homens sob suas ordens os obedeciam cegamente e estavam dispostos até a morrer por eles, se preciso fosse.

Não se vangloriava de ser um deles, mas no fundo sabia que era. Várias vezes se orgulhara ao verificar que suas tropas eram as mais elegantes e, sem dúvida nenhuma, as mais disciplinadas de todos os regimentos.

Disciplina sempre fora a palavra-chave no exército de Ocupação, onde era difícil manter os soldados que não estavam lutando afastados de problemas até com mulheres.

Mas, agora que essa tarefa terminara, o duque se questionava se seria capaz de disciplinar uma mulher ou forçá-la a obedecer, como fizera com tanto sucesso entre os seus homens.

Estava praticamente certo que com Christine seria impossível. Sabia que ela se aproveitava da paixão que despertava num homem, como arma para obter tudo quanto queria. Com ele, não iria conseguir nada.

Por outro lado, imaginou se seria tão complacente como os outros amantes dela.

Seus pensamentos voltaram ao comportamento estranho da sua prima Alvina.

Primeiro tentou se lembrar dela, mas na sua memória ela só aparecia ainda garotinha, com nove ou dez anos de idade.

O duque passara muito tempo no castelo durante a adolescência, porque ele e o primo Richard eram da mesma idade.

Pouco se lembrava de Alvina, antes de encontrá-la na festa de vinte e um anos de Richard.

Lembrava-se que havia uma diferença de idade muito grande entre os dois irmãos, mas alguém lhe explicara que a duquesa infelizmente perdera outras duas crianças durante esse intervalo.

Os médicos consideraram uma vitória a filha da duquesa ter sobrevivido. Agora, Alvina devia estar com dezenove ou vinte anos.

Como seria ela? Sabia que o duque fora um homem atraente e a duquesa tinha sido de uma beleza extraordinária.

Por mais que tentasse não conseguia lembrar direito. Na ocasião da festa, estava mais absorvido com a beleza do castelo e a extravagância das

festividades pela maioria de Richard do que com qualquer outra coisa.

Nunca na sua vida vira fogos de artifício mais belos e até hoje se lembrava da fantástica decoração da grande sala do banquete, cheia de convidados importantes.

As senhoras pareciam árvores de natal, com diamantes na cabeça, no pescoço e nos pulsos. Os homens, todos usando condecorações, não estavam menos resplandecentes.

Como o duque de Harlington era muito importante, havia vários convidados da casa real, além de todos os embaixadores da corte de St. James.

Na ocasião, Dave achava que todos aqueles uniformes com galões dourados e as ricas condecorações ofuscavam até o brilho de um uniforme de gala como o que estava usando.

Richard fizera um excelente discurso nessa noite, mas agora jazia no campo de batalha de Waterloo, enquanto que ele, um primo afastado, ia tomar o seu lugar no castelo, como o quinto duque de Harlington.

Deixando para trás os subúrbios de Londres e agora dirigindo em campo aberto, seus pensamentos voltaram a lady Alvina.

Seu rosto se endureceu novamente.

“Como se atrevem a penhorar uma coisa tão valiosa como aquela jarra alemã?”, perguntou a si mesmo.

Quando o penhorista mencionou que tinha em seu poder várias miniaturas, o duque tivera um sobressalto.

A coleção de miniaturas dos Harlington era a mais famosa do país.

Algumas delas eram do reinado da rainha Elizabeth, quando quase todos os Harlington que haviam passado pelo castelo tinham mandado fazer uma miniatura deles e das esposas.

O duque recordava que elas enfeitavam as paredes do salão azul e que muito o impressionaram. Inclusive ficara todo contente quando pôde constatar que as de Viena e Roma não se comparavam às da coleção Harlington.

Nunca imaginou possuí-las um dia e assim poder apreciá-las frequentemente.

Voltando da França, o duque percebera que acima de tudo o que mais queria era ver o castelo, morar dentro dele, torná-lo o lugar principal da sua nova vida.

“O castelo Harlington” repetia para si próprio, sabendo que aquelas palavras significavam muito mais do que ele poderia traduzir.

O modo como seu pai falava do castelo quando era menino nunca lhe saía da cabeça, e acreditava que ele fora habitado por antigos cavaleiros.

A primeira vez que leu a lenda do Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, imaginou-os vivendo num castelo igual àquele.

O castelo Harlington estava sempre presente em cada livro de história que abria.

Quando estudou a época das cruzadas, sonhava que os cavaleiros planejavam o ataque aos sarracenos no castelo Harlington.

A rainha Elizabeth passara lá numa das suas viagens pelo interior da Inglaterra. Ela também tinha um lugar muito especial na sua memória, por ter sido hóspede dos seus antepassados.

Assim tinha continuado por suas lições de história, até que na vida real se viu contra o domínio de Napoleão, defendendo a Inglaterra, mas especialmente o castelo Harlington.

Neste momento de vitória, quando ele finalmente lhe pertencia, descobrir que havia uma traidora na família, uma mulher que se atrevia a tirar do castelo os seus mais preciosos tesouros para empenhá-los por dinheiro, era demais para Dave.

“Ainda bem que por algum sentido de decência, ou talvez medo, ela não vendeu as peças”, pensou.

Uma vez, no castelo, Dave perguntou a seu pai, se um duque sentia-se um rei.

— Tenho certeza que sim — respondeu o pai sorrindo. — Mas tal como o caso do rei, o palácio só lhe pertence enquanto viver. Tem que protegê-lo melhor para o duque que vier depois.

Dave não tinha entendido muito bem a explicação.

— Cada duque é um guardião, ou fiel depositário dos tesouros que não lhe pertencem pessoalmente, mas à família. O seu dever é não só deixar o castelo como o encontrou, mas também cuidar da família em tudo quanto necessitarem.

— Deve ter muito que fazer — respondeu Dave.

— É realmente uma grande incumbência — afirmou seu pai solenemente.

— Temos que agradecer a Deus por nenhum duque ter falhado. Tanto

quanto se lembrava do quarto duque, era um admirável chefe de família.

Parecia incrível que sua única filha tivesse roubado, porque essa era a palavra, os tesouros que haviam passado de gerações a gerações, entregando-os a um homem como Pinchbeck.

— É um milagre que ele não os tenha vendido, embora talvez não fosse muito fácil encontrar compradores.

Por que os testamenteiros não tinham dado atenção àquelas coisas?

Estivera tanto tempo no estrangeiro que não fazia a menor idéia de quem ficara responsável pelas propriedades.

Na verdade, devia ter vindo para o funeral de seu primo e tomado posse de tudo. Mas o quarto duque havia morrido em janeiro de 1817, e nessa época estava em Viena, empenhado numa importante missão sob as ordens de Wellington.

Só ficou sabendo da morte do primo quando voltou a Paris e recebeu a carta do Banco Coutt.

Tinha sido totalmente impossível ir à Inglaterra naquele momento, apesar de toda a sua vontade de partir.

Fizera várias tentativas com o duque de Wellington que lhe respondera sempre que não podia dispensá-lo.

De fato, havia muita agitação entre as tropas devido à redução dos contingentes, e ele era fundamental para acalmar os homens.

Exatamente no mês anterior, Wellington tinha declarado que era impossível uma redução substancial, provocando profundo descontentamento.

No entanto, no mês seguinte, notificou aos embaixadores permanentes ter mudado de opinião e determinado um corte de 30 000 homens, que iria começar em primeiro de abril.

Isso significava que o novo planejamento recairia nas competentes mãos do general Harling, como definira Wellington.

Ainda por cima, Wellington estava negociando o primeiro empréstimo ao governo francês, concedido por Baring, Brother & Hapes, e confiava no apoio de Dave Harling para ajudá-lo a persuadir os aliados a aceitarem a idéia de um empréstimo tomado a banqueiros ingleses.

A negociação era tão controversa e delicada que o duque percebeu ser impossível afastar-se de Paris, por mais importante que isso fosse para ele.

Tinha se conformado com a idéia de que tudo decorreria

normalmente, como se o quarto duque estivesse vivo.

Se havia problemas, mais tarde os resolveria.

Notificou o Banco Coutt que voltaria assim que fosse possível e, esquecendo que sua própria vida havia mudado completamente, empenhou-se nas negociações com os franceses, que cortavam, pelo menos naquele momento, as esperanças fervorosas de madame de Stael de ver uma França livre. Por outro lado, atendia às solicitações cada vez mais incessantes de Wellington.

Como não recebeu mais nenhuma correspondência do banco, achou que estava tudo bem e que lady Alvina, a filha solteira do quarto duque, que ficara morando no castelo, cuidaria de tudo até a sua volta.

Talvez tivesse sido uma indelicadeza da sua parte não ter escrito a ela, mas ele também não recebera carta alguma. Nem dela nem de quem quer que fosse.

Interiormente acreditava que a ausência de notícias era o mesmo que boas notícias e esperava confirmar essa impressão quando chegasse ao castelo.

Gerald Chertson certamente tinha feito um bom trabalho, comprando aqueles cavalos. Levaria pouco tempo para chegar à propriedade.

Gerald lhe deixara um bilhete em Berkeley Square, dizendo que infelizmente tivera que viajar para casa, porque o pai estava doente. De qualquer forma deveria voltar para Londres no fim da semana e então entraria em contato com ele imediatamente.

O duque ficara desapontado, pois esperava encontrar o amigo aguardando a sua chegada. Mas sir Archibald Chertson estava muito velho e Gerald não tivera outra alternativa.

“Assim que eu voltar, nós dois vamos nos divertir muito”, prometeu a si próprio. Então lembrou-se de Christine.

Veio-lhe à lembrança o perfume envolvente que ela sempre usava, fazendo crescer a excitação entre eles.

Apesar de tudo, com Jason ou sem Jason, só casaria quando bem entendesse, não iria se apressar à toa.

Além do mais, pretendia aproveitar a posição de duque, de chefe de uma família e de homem rico, antes de se acomodar.

“Vou ver Jason, quando voltar para Londres”, decidiu. “Dou-lhe uma mesada generosa com a condição de ele se portar decentemente. De qualquer

forma vou ter mesmo que pagar as dívidas dele!”

Estava convencido de que essas dívidas deviam ser bastante altas e isso o enfurecia. Entretanto não poderia desencadear um escândalo familiar, quando mal acabava de assinar o título.

Eram quase quatro horas quando entrou com os cavalos pelos imponentes portões dourados encimados por um leão de ferro, que representava o brasão dos Harling.

Olhou de relance para os pavilhões que havia de cada lado. Reparou que um deles estava vazio.

Surpreendido, lembrou-se do pavilhão dos guardas, que usavam um uniforme especial com botões de prata, brazonados. Mantinham sempre os portões fechados e mal ouviam uma carruagem corriam para abri-los.

Se fosse o próprio duque quem chegava, tiravam os gorros em sinal de respeito, enquanto suas esposas e filhas faziam uma reverência.

O duque pensava que tal tradição se mantivera e vendo o abandono sentiu-se frustrado.

Não ia parar para perguntar o que havia acontecido. Foi guiando os cavalos pela longa trilha ladeada de carvalhos que pareciam bem maiores do que da última vez que os vira.

A certa altura avistou o castelo.

Era tão bonito e imponente que o duque parou os cavalos, sem dar por isso.

Construído numa elevação perto do lago, o castelo dominava os jardins, o parque e, mais além, o bosque.

Sua primeira edificação datava da época dos barões feudais que foram subjugados no tempo da Magna Carta.

Mas tudo o que restava do castelo original era a torre, que havia sido reformada há cerca de um século.

Junto da torre existia agora uma construção enorme cujo centro era em estilo elisabetanos e as laterais em estilos rainha Anne e georgiano.

Talvez fosse uma miscelânea arquitetônica, mas cada século tinha contribuído para a imponência do castelo que, ao longe, parecia mais um palácio dos contos de fadas.

O sol da tarde brilhava nas centenas de janelas e nas bordas do telhado, realçando as estátuas das bordas do telhado que o duque se lembrava tão bem.

Ao lado de cada uma delas havia um bonito vaso de pedra. Quando era garoto subira muitas vezes até lá e aqueles vasos lhe pareceram enormes.

Agora, à distância, ainda tinham a magia de um conto de fadas.

Voltou a pensar em cavaleiros com suas armaduras, ninfas saindo do lago na neblina da madrugada e dragões vivendo no bosque escuro, soltando fogo em quem os fosse incomodar.

Mas sua mente parecia não querer romantismo naquele momento e assim voltou a pensar em lady Alvina e na sua perfídia, atrevendo-se a manchar algo tão precioso como as tradições dos Harlings, centralizadas naquele grande edifício.

Irritado, viu que as pedras junto da entrada principal estavam cercadas de ervas daninhas. Parou o faetonte, dizendo para o cavaleiro:

– As cocheiras ficam atrás da casa, à direita. Leve os cavalos para lá. Vai encontrar alguém que o ajudará.

– Muito bem, Alteza. O duque entregou-lhe as rédeas.

– Mandarei um empregado da casa ajudá-lo a tirar a bagagem pela porta dos fundos.

O rapaz fez uma continência e o duque desceu do faetonte, subindo as escadas até a porta da frente.

Como tinha esperado e ansiado por aquele momento! Estava um pouco arrependido de não ter notificado lady Alvina da sua chegada.

Gerald avisara o pessoal de Berkeley Square, desse modo Bateson tinha esperado por ele no vestíbulo, enquanto dois empregados estendiam a passadeira vermelha no momento preciso em que a carruagem que o trouxera de Dover parara na porta. Mas aqui não havia nenhuma passadeira vermelha e somente ao chegar à porta, que se encontrava aberta, é que lhe passou pela cabeça que lady Alvina podia estar viajando. O que faria, então?

Não teria problema, porque os empregados obviamente estariam lá. Entrou no vestíbulo e viu que as estátuas de deuses e deusas ainda estavam nos nichos e que a escada, com o corrimão dourado, continuava imponente como sempre fora.

Parou por instantes olhando para os estandartes ao lado da bela lareira.

Todos eles haviam sido ganhos pelos Harling em batalha, e quando Dave era criança lhe contaram como cada um fora capturado.

Lembrava-se especialmente de Agincourt. Com os olhos procurou a

bandeira francesa capturada, para ver se ainda estava lá.

Foi andando pelo castelo em silêncio, recordando cada dependência e seu nome correspondente.

No topo de um longo lance de escada, à esquerda, ficava a galeria de pintura; ocupando toda a extensão da casa à direita, encontravam-se os quartos principais.

Havia o quarto da rainha Elizabeth, de Carlos II, da rainha Anna e ao fundo do corredor os aposentos do duque e da duquesa, onde tantos membros da família tinham nascido e morrido.

No térreo, à direita, havia o salão de jantar, onde acontecera a festa da maioria de Richard.

Ao lado, estava uma pequena sala de jantar desenhada por William Kent, onde a família comia, quando não tinha visitas.

Do lado esquerdo, para onde se dirigia agora, ficava a biblioteca, que com suas primeiras edições de Shakespeare e livros colecionados durante séculos, transformara-se numa das bibliotecas mais valiosas do país.

Sucediam-se a Sala Rubens, o Salão Vermelho, o Salão Verde e o Salão Azul.

Seu rosto ficou sombrio ao pensar no último, onde ficavam as miniaturas.

Ao mesmo tempo, não entendia por que estava tudo tão tranquilo, sem ninguém aparecer.

Entrou na porta que dava para a Sala Rubens, onde os móveis estavam todos cobertos, as janelas fechadas e a escuridão cheirava a mofo.

Fechou a porta e abriu a que dava para a biblioteca. Ali, as janelas não estavam fechadas e teve a impressão de que a poeira cobria tudo.

Percebeu então que havia mais alguém ali.

Era uma empregada, tirando o pó dos livros com um espanador, aliás, sem nenhuma eficiência.

O duque ficou observando a moça, percebendo que o espanador levantava um monte de poeira.

— Onde está todo mundo? Por que não havia nenhum empregado no vestíbulo? — perguntou rispidamente.

Embora não fosse essa a intenção, sua voz ecoou pela biblioteca, alta e seca, e a moça deu um pulo, assustada.

O duque aproximou-se, perguntando:

– Lady Alvina está em casa? Quero falar com ela.

Um par de olhos azuis olhou para ele e embora ela estivesse com um avental, algo o fez pensar que talvez não fosse uma empregada.

Vendo que ela não dizia nada, sentiu-se na obrigação de se apresentar.

– Sou o duque de Harlington.

A mulher engoliu em seco e depois falou numa voz que mal se ouvia:

– Pensei... que estava na França. O Duque sorriu.

– Pelo contrário, voltei hoje.

Ficaram em silêncio. A mulher olhava para ele como se não pudesse acreditar no que tinha ouvido.

– Por que não... avisou-nos? Como... pode... ficar tanto tempo... longe? Nesse momento, o duque percebeu com quem estava falando.

– Creio que seria melhor nos apresentarmos adequadamente. Você é minha prima Alvina, não?

– Sim, sou, e esperei tanto por você que já não acreditava... que você voltasse algum dia.

O duque reparou no tom de desespero e sentiu-se na obrigação de explicar.

– Tenho que pedir desculpas por parecer desleixado, mas tive compromissos muito importantes na França e o duque de Wellington não me dispensou.

Odiava ter que dar satisfação, mas sentiu-se na obrigação de fazê-lo.

– Mas se me queria de volta com tanta urgência, por que não me escreveu? – perguntou para não ficar só na defensiva.

– Eu escrevi a você quando papai morreu, mas não tive resposta.

– Nunca recebi a sua carta.

– Não pensei nessa possibilidade.

– Então o que você pensou?

– Não sei. Pensei que... talvez... você não estivesse interessado. Foi... uma estupidez minha... não escrever outra vez.

– Eu peço desculpa não por não ter recebido a sua carta, mas sim por não lhe ter escrito até agora. Sinto que devia tê-lo feito antes. Ela não respondeu e ele sorriu.

– O meu único perdão é ter realmente me esquecido que você cresceu. Pensava em você como a menininha que eu vi pela última vez no aniversário do Richard.

Tinha sido uma falta de tato lembrar a Alvina da morte do irmão. Ela respondeu com naturalidade:

— Foi muita gentileza sua escrever a papai depois que Richard foi morto, mas ele não lia... nenhuma carta que recebia, nem me... deixava responder.

O duque não sabia o que dizer e, embaraçado, afastou-se, indo até a janela.

— Foi totalmente impossível voltar antes desta data. Agora que estou aqui, vejo que tenho muito para ver e aprender.

— Muito... mesmo — disse ela gaguejando.

“Deve estar com medo por ter penhorado os tesouros de família”, pensou o duque, ficando novamente irritado.

Habitado a não deixar transparecer os seus sentimentos, limitou-se a dizer secamente:

— O que eu quero que me explique, prima Alvina, é por que você se atreveu a penhorar alguns dos tesouros desta casa que qualquer Harling devia considerar uma coisa sagrada.

Pensou ter ouvido um pequeno soluço e achou que ela estava surpreendida com a rapidez com que ele ficou a par do assunto.

Virou-se. Ela havia tirado o avental e o pano que lhe protegia os cabelos.

Era esbelta e tinha cabelos louros e bonitos, embora estivessem despenteados. Parecia muito jovem, pouco mais que uma criança. Não aparentava a idade que devia ter.

Muito quieta, com o pano e o avental nas mãos, olhava para ele com uma expressão de medo nos olhos.

— Não posso imaginar a razão que a levou a um comportamento tão desonroso. E eu quero que me diga a verdade, prima Alvina. Por que e para que você precisava desse dinheiro?

Mais uma vez a sua voz soou mais alto do que ele pretendia. Alvina continuou ali, muda e parada, sem encontrar nada para dizer. A fúria do duque aumentou.

— Estava tentando me trapacear porque não queria me ver no lugar do seu irmão? Ou está sustentando algum homem que seu pai não aprovava?

Fez uma pausa e acrescentou:

— O homem do penhor, Pinchbeck, falou que isto vem acontecendo há

quase três anos, desde que seu pai morreu. Não posso imaginar nada mais desleal e decepcionante. Você teria magoado muito seu pai, se ele estivesse vivo! A mim desagradou bastante! Acabou de falar e ficou aguardando uma resposta.

— Eu... eu... posso explicar — balbuciou Alvina.

— Espero que sim — interrompeu o duque. — E tomara que a explicação seja boa!

— Foi... por causa... de papai — parou de falar, com as mãos trêmulas, incapaz de conter as lágrimas.

Fugiu da biblioteca, deixando o duque furioso e frustrado.

— Maldição! Como todas as mulheres, teve que recorrer às lágrimas quando se sentiu apanhada!

Não sabia o que fazer, agora que Alvina se retirara, mas não devia ser difícil encontrar alguém com quem pudesse falar.

Procurou uma campainha, mas não encontrou. Deu uma volta na biblioteca, vendo como estava mal conservada e cheia de poeira.

A grade de prata estava quase preta, não devia ser polida há muito tempo. Saiu de novo pelo corredor que dava no vestíbulo.

Ninguém à vista.

Abriu a porta do Salão Azul que, tal como o primeiro onde entrara, estava às escuras, os móveis cobertos e com o mesmo cheiro de mofo.

— Que diabo está acontecendo? — murmurou.

Ia continuar a inspeção, quando viu um homem se aproximando lentamente, vindo da sala de jantar. O duque foi até ele. Era velho, com o cabelo todo branco. Ao se aproximar, o duque teve a impressão de reconhecê-lo.

— Bom dia, Alteza.

— Qual é o seu nome? — perguntou o duque. — Estou me lembrando de você.

— Walton, Alteza.

— Sim, claro. Você já era o mordomo daqui, quando eu era menino.

— É verdade. Senhor Dave... quero dizer, Alteza. Cheguei como criado e depois passei a mordomo justamente quando o senhor morou aqui com seus pais. Era ótimo garoto.

Na voz dele havia o carinho típico dos velhos.

— Estou satisfeito em ver você novamente, Walton, mas tem que me

dizer o que está acontecendo. Não havia ninguém na entrada quando cheguei.

– Não estávamos esperando Vossa Alteza.

– Sim, eu sei disso e também que a guerra mudou tudo na Inglaterra, mas não esperava encontrar esse abandono.

– Não tínhamos outra solução, Alteza.

– Por que não? Deve haver empregados suficientes para fazer a limpeza.

– Não, Alteza.

O duque ficou olhando para o velho e depois acrescentou:

– É melhor eu obter essas informações da pessoa que está responsável pela propriedade. Imagino que seja lady Alvina.

– Sim, Alteza. Lady Alvina tem cuidado de tudo depois da morte do pai.

Agora o duque lamentava ter provocado a fuga dela.

– Bem, Walton, como lady Alvina não está no momento, talvez você me pudesse contar alguma coisa.

– Que dependência Sua Senhoria costuma usar além da biblioteca?

– A biblioteca costuma estar fechada, Alteza. Sua Senhoria estava fazendo uma limpeza, porque tentava encontrar um livro que ela queria.

Devia ser por isso que a prima estava cheia de pó e vestida daquela maneira.

– Onde posso me sentar? – falou secamente.

Começava a sentir-se frustrado com aquelas respostas evasivas.

– Sua Senhorita costuma usar a sala do café da manhã, Alteza. É a única que temos aberta.

O velho foi andando devagar para a pequena sala ao sul, onde o duque lembrava-se de ter tomado o café, na última vez que estivera no castelo.

Só os homens costumavam descer para o café. As senhoras preferiam tomá-lo no quarto e só apareciam no fim da manhã.

Assim que Walton abriu a porta, reconheceu aquele aposento agradável, com vista para o lago.

Antigamente, os raios do sol da manhã entravam pelas janelas, iluminando o longo aparador, cheio de travessas de prata aquecidas, onde havia todos os tipos de comida.

No centro, havia uma grande mesa redonda, onde costumavam colocar as torradas e o pão caseiro, feito diariamente na cozinha do castelo.

Além disso, havia sempre “scones”, “croissants” e todos os tipos de geléias e mel.

Esperava encontrar tudo como antigamente, mas a mobília estava toda mudada. Só havia uma pequena mesa redonda, perto da janela, um sofá e uma cadeira de braços, em frente da lareira.

O aparador fora substituído por uma estante com livros. Era uma peça Chippendale, muito bonita, mas que ficava deslocada naquela sala, com as paredes cheias de quadros de artistas ingleses do século XVII.

O duque reparou numa caixa de costura de madeira entalhada e numa pequena escrivaninha, cheia de papéis, que pareciam contas.

Na lareira e nas mesas laterais havia pequenas molduras com retratos e um retrato grande de Richard, pintado por Lawrence, em cima da lareira.

Quando os dois entraram na sala, o duque se sentiu um intruso.

Que disparate! Aquilo tudo agora era seu e a prima Alvina o recebera com tanta displicência!

Tentando ganhar autoconfiança, sentou-se na poltrona ao lado da lareira.

— Agora, Walton, você quer me contar o que está acontecendo? Por que esta casa está fechada? Por que não havia criados no vestíbulo? E por que lady Alvina está usando somente esta sala, em vez de abrir um dos salões?

O velho respirou fundo e respondeu com voz trêmula:

— Vejo que Vossa Alteza não está entendendo.

— Certamente que não! E ainda tenho uma pergunta importante para lhe fazer. Por que permitiu que lady Alvina levasse a jarra de prata alemã para Londres, juntamente com outros objetos valiosos?

Houve um silêncio e o duque reparou que as mãos de Walton tremiam tanto quanto as de Alvina.

Começando a ficar furioso novamente, explodiu:

— Diga-me a verdade. Mais cedo ou mais tarde descubro mesmo, por isso é melhor ouvi-la imediatamente.

— É muito simples, Alteza. Sua Senhoria não tem dinheiro algum. O senhor nos encontra na mais profunda miséria.

CAPÍTULO III

— Como, sem dinheiro algum? — perguntou o duque surpreendido.

Walton tossiu, clareando a voz, antes de responder:

— Tem sido assim, Alteza. Não havia dinheiro para pagar os salários e nem mesmo para comprar comida.

— Não posso acreditar! — exclamou o duque. — Meu primo deixou uma fortuna quando morreu.

— A guerra afetou muitas pessoas e o duque anterior foi uma delas, Alteza — comentou Walton, pouco à vontade.

— Você quer dizer, depois da morte de Richard?

— Antes disso, Alteza. Tudo começou a ficar muito caro e Sua Alteza decidiu economizar.

Os lábios do duque se estreitaram.

Parecia incrível que com a fortuna que seu primo possuía tivesse necessidade de economizar a ponto de cortar as despesas e até os salários dos empregados.

Enquanto estava em Paris, ouvira muitos comentários sobre o que se passava na Inglaterra, mas nunca os levava a sério.

Alguém lhe falara que o duque de Buccleuch, devido à crise na agricultura, deixara de recolher as rendas dos arrendatários e que até mesmo evitava viajar para Londres para assim diminuir os gastos e poder pagar o pessoal.

Preocupado com o que estava acontecendo na Europa, deu pouca importância ao caso. Agora percebia que fora uma loucura não ter se informado antes sobre a situação do castelo.

Em Paris, os jornais noticiavam, e os políticos vindos da Inglaterra confirmavam que havia uma crise enorme por causa dos milhares de ex-soldados e marinheiros desmobilizados que voltavam às suas terras.

Essa pobre gente que lutara com bravura não recebia nenhuma pensão, nem sequer foram indenizados.

O duque decidira pensar no assunto quando voltasse para casa. Agora constatava que era um problema urgente que precisava resolver.

Mesmo assim, era inverossímil que Walton falasse em falta de

dinheiro, quando ele sabia que havia uma disponibilidade tão grande.

– O duque certamente sabia dessas dificuldades ou quem quer que estivesse encarregado da propriedade devia ter-lhe explicado.

– Não havia ninguém, Alteza.

– Por que não havia ninguém? – perguntou duramente.

– Sua Alteza brigou com o Sr. Fellows que cuidara de tudo durante 30 anos, pouco antes do filho morrer na guerra.

– E não foi substituído?

– Não, Alteza.

– Então quem ficou responsável pela propriedade?

– Lady Alvina, e tem sido muito difícil para ela, muito difícil mesmo, Alteza. Ela não tem dinheiro para pagar os assalariados.

– É difícil de acreditar – murmurou o duque. Como era um assunto que devia discutir com a prima e não com um empregado, perguntou:

– Quem está na casa, neste momento?

– Apenas minha esposa e eu, senhor, além da Sra. Johnson que, me atrevo a recordar, foi cozinheira por mais de quarenta anos, e também Emma, que já vai passando dos oitenta anos e pouco pode fazer.

– Só?

– Todos os outros ou foram despedidos por Sua Alteza, ou partiram.

– Não pode ser verdade.

O duque ficou em silêncio durante alguns momentos.

– Obrigado pelo que me contou Walton. Creio que preciso falar com lady Alvina depois. Pode lhe pedir para que venha aqui?

Walton hesitou, antes de responder.

– Não creio que lady Alvina esteja no castelo, Alteza.

– Como não está no castelo? Onde é que ela foi? Walton hesitou, novamente.

– Penso que Sua Senhoria estava um pouco preocupada e vi quando ela saiu Alteza.

– Não entendo. Onde pode ter ido? Outro silêncio, depois o duque falou:

– Receio que fui eu que a aborreci. Não devia ter feito isso. Por favor, diga-me onde posso encontrá-la.

Usou um tom envolvente que geralmente funcionava muito melhor que os métodos mais autoritários. Walton remexeu-se, pouco à vontade.

— Não creio que Sua Senhoria queira que Vossa Alteza saiba onde está neste momento.

— Entendo — disse o duque suavemente. — Mas você deve saber Walton, uma vez que nos conhece desde crianças, que lady Alvina é a única pessoa que pode me ajudar a acabar com esta confusão.

Julgou ver um brilho novo no olhar do velho.

— Bem, isso é verdade, Alteza. Se eu contar onde está Sua Senhoria, vou revelar um segredo que o duque anterior não sabia, nem iria aprovar.

O duque voltou a pensar que talvez Alvina tivesse algum namorado, mas limitou-se a responder tranquilamente:

— Walton, entenda, não importa o que Sua Alteza aprovava ou não. Agora eu sou o responsável por tudo e tenho que mudar muita coisa. A primeira vai ser restaurar o castelo e fazer tudo voltar ao que era antes.

Também ele estava falando nos velhos tempos, como todo o mundo. Mas era evidente que teria que voltar atrás no tempo, para ver o que precisava ser modificado.

Receoso, Walton falou, finalmente:

— Quando Sua Alteza estava fazendo economias, ele pôs a governanta de Sua Senhoria, a Srta. Richardson, para fora do castelo. Como não tinha para onde ir, Sua Senhoria a convenceu a ficar na antiga casa do jardineiro.

— Por que ela não tinha mais nenhum lugar para ir?

— A Srta. Richardson está ficando idosa, Alteza, e tem muito reumatismo. Mal pode andar.

— Então você acha que Sua Senhoria foi para junto da Sra. Richardson? — disse o duque, como se falasse consigo mesmo.

— Sim, Alteza.

— Muito bem. Eu vou procurá-la — afirmou, levantando-se.

— A Sra. Johnson gostaria de saber se Vossa Alteza fica para jantar, e, nesse caso, o que prefere comer — perguntou Walton.

O duque percebeu que para jantar bem deveria dar algum dinheiro. Caso contrário a cozinheira teria dificuldade em lhe servir o que pedisse.

— Ouça Walton, você precisa me ajudar a colocar tudo em ordem. Espero que encontre alguns dos antigos empregados na vila.

Viu o rosto do velho se alegrar, quando continuou:

— Pode demorar um pouco, mas sugiro que arranje alguém para ajudar a Sra. Johnson na cozinha e mais dois ou três rapazes para cuidar da

copa.

Walton mal acreditava no que estava ouvindo.

O duque tirou do bolso algumas moedas de ouro e uma nota de vinte libras, dizendo:

– Isto é para as primeiras necessidades. Mande Mark, o meu cavaleiro, à vila comprar comida para o jantar. Há algum cavalo na cocheira?

– Só os dois que Sua Senhoria costuma montar. Um deles já está muito velho, Alteza.

– Mark pode usar um deles. E você, comece a melhorar o que estiver ao seu alcance e não se preocupe com as despesas. Eu trato disso.

Enquanto se encaminhava para a porta, Walton olhava para o dinheiro como se não acreditasse nos próprios olhos.

O duque saiu pelos fundos, passando pela copa, onde Walton costumava lhe dar amêndoas e outros doces quando era garoto.

Ali, nada mudara. O grande cofre, a mesa onde limpavam as pratas e a cama desmontável para uso do guarda que ficava ao lado do cofre, durante a noite. Estava tudo ali, mas com aspecto abandonado. As paredes, cheias de manchas de umidade, precisavam de pintura e o chão encardido, de uma limpeza caprichada.

Foi passando por armários e portas até a escada, estreita, que ia dar nos quartos dos criados.

A direita, estava a cozinha, onde antigamente havia uma atividade constante.

Naquela época, os copeiros assavam galinhas no espeto e a Sra. Johnson e suas ajudantes cuidavam do fogão. Panelas enormes, brilhando como espelhos, pendiam das paredes. Nas vigas do teto viam-se presuntos pendurados.

Agora, tudo lhe pareceu menor e vazio. Havia apenas a presença de uma mulher de idade, de ombros curvados, junto de um pequeno fogão.

Teve dificuldade em reconhecer aquela cozinheira de rosto corado que lhe fazia pãezinhos de gengibre quando era menino.

Mais tarde, nos tempos de escola, ela lhe dava bolos de fruta que eram saboreados no dormitório do colégio.

Assim que entrou na cozinha, ela se virou, reconhecendo-o imediatamente.

— Senhor Dave! É mesmo o senhor? Cresceu e ficou um bonito homem, não há dúvida nenhuma.

— Obrigado, Sra. Johnson, é bom voltar a vê-la.

Estendeu a mão para cumprimentá-la. A mão dela estava gelada e seus dedos velhos e frágeis.

Walton estava me dizendo que as coisas têm sido difíceis para vocês, mas agora isso terminou — disse o duque suavemente. — Vai ter uma ajudante, assim que encontrarmos alguém para o serviço.

— Mas que bom!

— Estou morrendo de vontade de comer aqueles pratos deliciosos que você me fazia antes de eu ir para Oxford.

— Isso foi há muito tempo atrás, senhor Dave... quero dizer, Alteza.

— Há muito tempo mesmo — concordou o duque.

— As coisas não têm andado boas nestes últimos anos.

— Não sei o que seria de nós, se não fosse Sua Senhoria — disse, suspirando.

— Foi o que Walton me contou.

— E é verdade, Alteza. Teríamos sido postos na rua sem um vintém e acabaríamos num asilo!

— Esqueça tudo, agora. As coisas vão voltar a ser o que eram antes da guerra nos tornar miseráveis.

— Essa é a palavra exata, miseráveis! Com esse monstro da França matando nossos jovens. Sua Alteza nunca mais voltou a ser o mesmo, depois que Sua Senhoria morreu.

O duque, sentindo-se pouco à vontade por estar no lugar do primo Richard, respondeu: — Agora temos que olhar para frente, Sra. Johnson. Quero que diga ao meu criado onde ele deve comprar comida e procurar alguém que a ajude. Sorriu, continuando:

— Amanhã faremos mais planos. Agora vamos nos limitar a resolver o problema de hoje. Sei que daqui a pouco vou estar morrendo de fome.

A não ser que a Sra. Johnson tivesse mudado muito, aquela frase teria o seu efeito.

— Vai ter o melhor jantar que eu possa fazer senhor Dave. Mas preciso ter o que cozinhar.

— Claro, deixe isso comigo.

Continuou andando, passando agora por uma laje de mármore, onde

costumavam ficar duas taças de creme, usadas para fazer manteiga e queijo, diariamente.

Passou pelas outras dependências, a sala da governanta, a sala das botas, o quarto das facas, até chegar ao pátio.

Sem parar, dirigiu-se à cocheira pelo caminho mais rápido.

Como já esperava, o seu cavaleiro era o único empregado ali. Acabara de guardar os cavalos nas diferentes baias.

Toda a cocheira precisava de reparos.

As baias estavam limpas e ao olhar para os dois cavalos do castelo o duque imaginou que devia ser a prima Alvina quem cuidava deles.

Deu as ordens necessárias e ficou satisfeito ao ver que o cavaleiro era suficientemente esperto para perceber que estavam numa situação difícil. Assim, se dispôs a ajudar no que fosse preciso.

O duque mandou-o falar com a Sra. Johnson na cozinha. Depois, olhando para o fundo das cocheiras, avistou o teto de uma casa.

Era a residência do jardineiro chefe, que ficava dentro de um jardim murado, fora da vista do castelo.

Era ali que ele e Richard costumavam ir comer maçãs, pêssegos, nectarinas, figos e ameixas.

Constatou entristecido que aquele jardim agora parecia mais uma selva. Passou pela casa do jardineiro chefe rapidamente. Mais ao longe, havia uma casinhola.

Devia ser a morada do jardineiro. Antigamente havia um batalhão de homens cuidando de todos os jardins do castelo.

As janelas estavam limpas e o pequeno jardim entre o portão e a casa, todo florido.

Bateu na porta, notando que precisava ser pintada, embora a maçaneta e a fechadura estivessem bem polidas.

Ouviu o som de passos e a porta se abriu. Uma senhora distinta, de cabelos brancos, olhou para ele.

O duque sorriu.

— Srta. Richardson? Eu sou o duque de Harlington. Ela fez uma reverência mantendo a porta semi-aberta.

— Penso que minha prima Alvina está com a senhora.

— Está sim, Alteza, mas, neste momento, não deseja ver ninguém.

— Como deve entender Srta. Richardson encontrei tudo muito

diferente do que esperava e a única pessoa que pode me ajudar é lady Alvina. Teve a desagradável impressão de que a Srta. Richardson quis fechar a porta e mandá-lo embora. Relutante, ela apenas falou:

— Vossa Alteza pode aguardar um momento, enquanto vou perguntar a lady Alvina se pode recebê-lo?

Abaixou a voz, acrescentando:

— Ela está muito nervosa.

— Foi culpa minha. Mas eu não fazia a menor idéia de que estava tudo tão mudado no castelo.

Aquele modo de falar dissipou a evidente hostilidade da Srta. Richardson, e ela abriu um pouco mais a porta.

— Talvez seja melhor Vossa Alteza entrar. Se não se incomoda de esperar na cozinha, vou falar com lady Alvina.

A porta era tão baixa que o duque teve que inclinar a cabeça. Lá dentro, em pé, batia praticamente no teto.

A cozinha era minúscula, mas estava impecavelmente limpa. As paredes deviam ser lavadas pela Srta. Richardson, ou quem sabe pela própria Alvina.

Havia apenas um fogão antigo, uma mesa e duas cadeiras. Numa das paredes, um aparador contendo pratos, xícaras, pires e três jarras chinesas.

Na janela, cortinas velhas e desbotadas, de um brocado rico, que devia ter pertencido ao castelo.

Sentou-se, enquanto a Srta. Richard foi para outro cômodo.

Aquela casa, como muitas outras na propriedade, possuía no térreo dois quartos, uma cozinha e uma sala. No andar de cima, dois quartos muito pequenos.

Era tudo tão humilde que o duque achava um insulto alguém tão educada e refinada como a Srta. Richardson viver num lugar assim.

No entanto, se o duque a mandara embora, como contou Walton, aquele lugar pelo menos lhe servia de teto onde morar.

Ouvia vozes na sala, embora não conseguisse entender a conversa.

— Vossa Alteza pode entrar — convidou a Srta. Richardson.

O duque levantou-se e novamente teve que abaixar a cabeça para entrar na menor sala que já vira na sua vida.

Era tão estreita que nela só cabiam duas velhas poltronas, uma mesa e uma cadeira que mais pareciam saídas de uma sala de aula.

As cortinas eram do mesmo tecido que vira na cozinha, e nas paredes viam-se aquarelas, que provavelmente haviam sido pintadas pelas alunas da Srta. Richardson e entre elas Alvina.

Alvina se levantou quando ele entrou. Via-se que tinha chorado bastante.

Ela parecia também muito angustiada. O duque sentiu remorsos por ter sido grosseiro com uma pessoa tão vulnerável e desprotegida.

— Vim pedir desculpas — disse, assim que ouviu a porta se fechar. Apanhada de surpresa ficou olhando para ele, incrédula, sem dizer nada.

— Como é que eu podia saber, como poderia adivinhar que seu pai não deixara nenhum dinheiro com você e que os empregados do castelo haviam sido todos despedidos?

Acanhada, Alvina abaixou os olhos, ainda úmidos.

— Vamos sentar e conversar — disse o duque. — Queria que você me contasse muita coisa... Antes, peço que me perdoe por ter aborrecido você.

O duque usou o tom envolvente que sempre impressionava às pessoas, e Alvina, já quase sem forças, deixou-se cair na cadeira.

— Conte-me tudo desde o começo. Por que seu pai não lhe dava dinheiro, se no banco há uma verdadeira fortuna, que acabei de herdar?

— Uma verdadeira... fortuna? — perguntou Alvina, num sussurro. — Você quer dizer que não estamos... arruinados?

— Claro que não. Seu pai era um homem muito rico quando morreu. Os seus advogados não lhe disseram?

— Não tínhamos advogados.

— O que quer dizer isso?

Percebendo que a estava interrogando de novo, tentou emendar rapidamente:

— Desculpe, mas estou intrigado com tudo o que aconteceu e só você pode me esclarecer.

— Papai tinha... tanta certeza que nós estávamos... sem dinheiro.

— Walton me disse que seu pai não era mais o mesmo, desde a morte de Richard — disse o duque, como se pedisse desculpas.

— É verdade, apesar de ter-se alarmado ainda antes disso acontecer. Passava a vida falando em fazer economia e creio que se preocupou sempre com o dinheiro. Só mamãe insistia em tornar a vida mais confortável no castelo.

– Eu me lembro. Não se mediu despesas na festa de vinte e um anos de Richard.

– Foi a vontade de mamãe. Quando Richard foi morto, fiquei muito feliz... por ele ter tido... esse prazer.

– Ele amava a vida intensamente. Quando estivemos juntos em Oxford nunca se preocupou muito com os estudos, embora fosse ótimo aluno. Participava de todos os esportes e nenhuma festa ficava completa sem sua presença. Estivemos juntos antes de sua morte. Ele riu e fez uma aposta sobre a duração da guerra – contou o duque, vendo a expressão de Alvina, que tentava conter as lágrimas.

– Se Richard... tivesse voltado para casa... tudo seria... muito diferente, mas quando ele morreu... creio que papai... morreu também.

– Conte-me o que aconteceu – pediu ele, como que para ajudá-la a suportar as tristes recordações.

– Papai já estava fazendo muitas economias antes disso e depois... Ele ficou diferente, como se fosse um estranho, e se recusou a me dar dinheiro. Sei que está zangado comigo por ter empenhado todas aquelas peças, mas eu não podia deixar a gente do castelo morrer de fome ou ir parar num asilo. Ele não pagava os ordenados dos Walton, nem me dava dinheiro sequer para os alimentos.

Com a testa enrugada, o duque perguntou:

– Deveria haver alguém que a ajudasse, já que não tinham advogados. Walton me contou que aqui não tem um administrador. O que aconteceu com os Trustee?

– Um morreu antes de Richard ir para a França, o outro morava aqui até o ano passado e estava muito velho e surdo. O terceiro, *sir John Sargent*, vive na Escócia e nunca vem ao sul.

– Então não havia ninguém para ajudá-la?

– Ninguém. Pensei em recorrer à família, mas papai tinha brigado com a maioria dos parentes. Quando deixaram de receber a mesada que sempre lhes dava, escreveram-lhe cartas furiosas, que ele se recusou a ler.

O duque levou as mãos à testa. Era difícil de acreditar.

– Sem dinheiro, você não tinha mesmo outra alternativa. Mas continuo achando inacreditável que na sua posição não houvesse ninguém para ajudá-la.

– Pensei muito tentando lembrar de alguém – respondeu Alvina. –

Mas depois de mamãe ter morrido, papai brigou com quase todo o mundo. Parentes e amigos. Recusava-se a receber visitas e ficava lendo os jornais, desejando que a guerra acabasse e que Richard voltasse para casa.

Pensando que o duque não entendia bem a situação, acrescentou:

— Richard era a única pessoa capaz de convencer papai a cuidar dos empregados e das pessoas da família que dependiam dele. Também teria impedido que despedisse todos os empregados antigos. Papai não me dava ouvidos.

Agora, Alvina parecia mais à vontade, e não parava de falar:

— Ele sempre me acusou por mamãe ter ficado mais fraca depois do meu nascimento. Na verdade, queria que eu fosse homem — continuou, suspirando. — Depois de Richard morrer, ele passou a me odiar. Não tinha mais nenhum filho que pudesse herdar o título — finalizou com a voz trêmula.

Não disse mais nada e o duque entendeu perfeitamente a sequência do pensamento de Alvina.

Sabia que o pai a culpava por estar viva enquanto Richard, o herdeiro, tinha morrido.

Pela primeira vez desde que entrara na sala, reparou na roupa que ela estava usando. O vestido era antiquado e estava todo puído.

Talvez tivesse escolhido uma roupa velha para limpar a biblioteca. Na verdade, teve a impressão que há muitos anos ela não comprava nada para si.

Como se lesse os pensamentos do duque, Alvina explicou:

— Há anos que não posso comprar nada para mim. Quando os meus vestidos deixaram de me servir, passei a usar os de mamãe.

Mas havia tanto trabalho para fazer em casa quando papai despediu os empregados, que eu não podia me preocupar com essas coisas. Pareceu hesitar um pouco, mas continuou:

— A Srta. Richardson remendou meus vestidos e até chegou a fazer um novo, com um tecido comprado para fazer cortinas, quando mamãe ainda era viva.

Tentou sorrir, mas o duque notou o esforço que fazia.

— Como teve a idéia de penhorar as coisas, em vez de vendê-las?

— Não sou idiota a ponto de ignorar que tudo no castelo é inalienável. Também na casa Harling, em Londres.

Olhou para o duque com certa ironia.

– Para ser honesta, eu fui verificar nos inventários, pensando encontrar alguma coisa que pudesse ser vendida. Mas não encontrei nada.

– Então foi procurar esse Pinchbeck. Como ficou sabendo dele?

– Muitas vezes fico pensando que nada acontece por acaso nesta vida, tudo tem um significado... – respondeu Alvina, baixinho.

– Eu também – concordou o duque.

– Quando Richard estava em Oxford, fez umas dívidas, e ao voltar para casa encontrou papai de mau humor e sem admitir extravagâncias. Mas acabou cedendo e pagou tudo. Mas depois Richard descobriu, aflito, que se esquecera de uma conta.

Havia saudade na sua voz quando falou:

– Ele veio me procurar e disse assim: “Escute, Vina – estou metido numa encrenca e não tenho coragem de pedir mais dinheiro a papai. Esse pessoal está me pressionando”.

Ela andou até a janela e, voltando-se para o duque, continuou:

– Eu era uma menina e não tinha dinheiro, mas tive uma inspiração e disse-lhe: “Outro dia li num livro que em Londres existem umas lojas com três balões dourados na porta. A sita. Richardson me explicou que se chamam casas de penhores”. Mal acabei de falar, Richard deu um pulo, dizendo: “Como pude ser tão estúpido? Você é uma menina esperta, Vina. É para lá que vão os meus botões de punho de ouro, o meu relógio, e outras coisas de valor que tenho”. Então, deu-me um beijo, dizendo: “Eu tenho a irmã mais esperta do mundo e a mais linda também”.

– Foi assim que você ficou sabendo de Emmanuel Pinchbeck – constatou o duque.

– Richard me disse o quanto conseguira com o penhor e mais tarde, depois que papai lhe deu bastante dinheiro, ele foi resgatar as coisas.

– Bem, felizmente você escolheu um penhorista honesto. Pinchbeck não se desfez de nada que você penhorou, embora estivesse tentado a fazê-lo. Assim que cheguei a Berkeley Square nesta manhã, ele veio me procurar.

– Então... foi assim... que ficou sabendo – sussurrou Alvina.

– Foi.

– E ficou... muito zangado.

– Fiquei mesmo, porque não entendi.

– E agora... já entendeu?

– Só me resta pedir desculpas por tê-la julgado mal e por deixá-la

mais infeliz do que já tem sido.

Alvina deu um suspiro que parecia vir do fundo da sua alma. Em seguida, falou:

— Você disse que há dinheiro no banco. O que pretende fazer?

— Pretendo restaurar o castelo para deixá-lo exatamente como na última vez que vi você. Sei que vai dizer que devo primeiro tratar dos antigos empregados, dos parentes e alguém mais que esteja sofrendo desde a morte de Richard.

Alvina bateu palmas de contentamento e seus olhos brilharam com lágrimas de alegria.

— Você vai mesmo... fazer isso? — perguntou quase num sussurro. — De verdade?

— Claro que vou, mas não posso fazer tudo tão depressa. A não ser que você me ajude...

— Você... realmente... precisa de mim?

— Recuso-me a responder essa pergunta — ele falou sorridente. — Francamente, não sei por onde começar. Você deve me mostrar o fio da meada.

— Escrevi tudo que gastei. Quando vir o livro, vai verificar que não foram só os empregados e a família que sofreram. Os arrendatários e toda a gente que vive na propriedade também.

O duque parecia intrigado.

— Quando os arrendatários não podiam pagar as rendas, papai queria mandá-los embora.

— Você então arranjou dinheiro para ele pensar que as rendas tinham sido pagas — completou o duque, rapidamente.

Ela concordou.

— Ele também queria fechar o castelo inteiro, dizendo que estava velho e não precisava de mais ninguém a não ser o seu empregado pessoal. O resto podia ser dispensado.

— E quem ia cozinhar e cuidar da casa? — perguntou o duque, incrédulo.

— Papai disse que eu podia fazer isso.

Pensando no tamanho do castelo, o duque não queria acreditar no que estava ouvindo.

— Seu pai devia estar completamente louco.

— Acho que estava. Ele tinha verdadeiros ataques de fúria comigo, só porque eu não era o segundo filho que ele desejava.

Para evitar-lhe mais uma vez a lembrança do pai que a odiava, o duque perguntou:

— E o valete dele?

— Morreu há dois meses atrás. Estava muito velho e só continuou aqui por minha causa. E também se deixasse o castelo não teria outra alternativa: ou ia para o asilo ou morria de fome.

— E inacreditável — repetiu ele, pensando nos quadros, nas estátuas, nos móveis e nos outros tesouros que o castelo possuía.

Então, por causa da loucura do duque, tanta gente fora destinada a morrer de fome.

— Eu não me atrevi a arrumar as casas dos pensionistas, que estão em péssimo estado, nem lhes aumentei as pensões. Acreditei que estávamos mesmo falidos, como papai afirmava.

Suspirou fundo e continuou:

— Pelo menos, conseguiram sobreviver com o pouco dinheiro que eu lhes dava semanalmente e papai nunca soube que os arrendatários me imploravam ajuda todos os meses. Eram goteiras nos telhados, abrigos do gado caindo, ferramentas para comprar...

— Deve ter sido um pesadelo — confortou o duque.

— Foi. Cada vez que eu tirava alguma coisa do cofre, ou um quadro das paredes, sentia que estava traindo a confiança da família. Mas era mais importante evitar que esta gente morresse de fome.

— Claro que era, e só me resta agradecer-lhe, Alvina, por ter evitado vender as peças que são tão preciosas para nós e para os futuros Harling.

— Acha mesmo que tem dinheiro suficiente para... colocar tudo em ordem outra vez?

— Não lhe vou dizer exatamente quanto seu pai deixou, porque você ficaria furiosa. Mas sugiro que voltemos para o castelo e comecemos imediatamente a planejar as coisas.

Antes que ela respondesse alguma coisa, ele continuou:

— Creio que as pessoas do ducado vão querer conhecer o novo duque. Se você vai ficar morando comigo, e eu faço questão disso, precisa ter uma dama de companhia.

Alvina olhou para ele, surpreendida.

— Estou certo que saberá convencer a Srta. Richardson a voltar ao castelo para cuidar de você.

Alvina desatou a rir, sem mais nem menos. Foi um som alegre e infantil. Vendo o duque olhando para ela, explicou:

— Tudo tem sido tão assustador, tão sério e tão miserável que nunca me passou pela cabeça que sou jovem e preciso de dama de companhia.

Riu de novo, e era muito bonita, assim alegre.

— Lógico que tem razão, primo Dave. A Srta. Richardson vai ficar feliz em voltar e deixar esta casinha, onde teve que se esconder de papai.

— Como é que ele a mandou embora, depois de ter criado você?

— Era outra pessoa para alimentar e papai dizia que não tinha meios para isso.

— Sugiro que celebremos a nova era que está começando no castelo. E de uma maneira bem extravagante. Quando voltar, perguntarei a Walton se ainda existe alguma garrafa de champanha na adega.

— Há sim — disse Alvina, com uma expressão de alegria estampada no rosto.

E disparou a falar novamente:

— Quando papai dispensou Walton, fiquei com tanto medo que ele trouxesse criados estranhos para trabalharem de graça, que convenci Walton a me dar a chave da adega.

Ante a cara de surpresa do duque, ela continuou:

— Escondi-a. Tinha ouvido falar de homens desempregados que andavam vagueando por aí e que causavam problemas terríveis... quando invadiam um lugar onde houvesse bebidas.

O duque cerrou as sobrancelhas, lembrando-se dos bandos de desertores franceses que criavam tantas desordens na França.

— Quer dizer que na Inglaterra também tem havido saques e roubos provocados pelos desocupados?

— Problemas terríveis — respondeu Alvina. — Não sei se você chegou a saber, mas os ingleses têm sofrido toda a sorte de problemas. A situação é absurda! Os homens que lutaram pela liberdade do seu país e formaram, de acordo com as palavras do duque de Wellington, o melhor exército que a Inglaterra já teve, foram postos na rua sem uma pensão, uma medalha, sem sequer um muito obrigado!

O duque já sabia disso, mas agora dito pela voz suave de Alvina,

tornava-se mais duro ainda.

— Claro que estão ressentidos e desesperados! E o que pensa que está acontecendo com os mutilados? Morrem de fome, ou começam a roubar. E ninguém pode censurá-los.

O duque lembrou-se dos suntuosos banquetes de que participara em Paris e noutras cidades, sentindo-se culpado.

Parecia ouvir a voz sedutora de Christine, agradecendo as orquídeas cujo preço daria para alimentar dez homens esfomeados.

Antes que fizesse algum comentário, Alvina acrescentou:

— Agora que você está em casa, talvez possa convencer esses homens do Parlamento e outros responsáveis por este país que a paz para uma parte da população está sendo bem pior do que a guerra.

Assim que o duque acabou de comer a esplêndida refeição, servida por Walton e dois criados jovens, recostou-se na cadeira, dizendo a Alvina:

— Adorei o jantar, e não posso me esquecer de dar os parabéns à Sra. Johnson. Principalmente por ter se lembrado que eu gosto muito de torta de morangos.

— A Sra. Johnson nunca se esquece de nada que você ou outra pessoa da família goste. Quando eles souberam que você seria o novo duque, ficaram extremamente felizes, dizendo que se não podia ser Richard, ao menos era você.

Bebeu um gole de champanhe e continuou:

— Creio que nós todos ficamos apavorados com a possibilidade de ser Jason.

O duque ficou surpreso.

— Você conhece o seu primo Jason?

— Ele veio aqui depois que Richard morreu e vi bem que olhava para tudo, na esperança de que você fosse morto também para ele se tornar o próximo duque!

Fez uma pausa, depois explicou:

— Ele mesmo insinuou tal hipótese, e o modo como foi de sala em sala, observando e avaliando tudo, me... deu medo.

— Posso entender perfeitamente. Nunca gostei de Jason e pelo que fiquei sabendo antes de sair de Londres, agora menos ainda. Disseram-me que ele anda pedindo dinheiro emprestado, confiando na idéia de me suceder antes de eu ter um herdeiro.

Alvina deu um pequeno grito.

— Você tem que ter cuidado, muito cuidado. Estou certa de que é uma pessoa diabólica e pode tentar assassiná-lo.

O duque ficou olhando para ela e depois desatou a rir.

— Está dizendo bobagens. Jason não iria tão longe. Meu amigo Gerald Chertson também me avisou que ele seria capaz de qualquer coisa para coroar sua ambição.

— Acho que ele não tem escrúpulos.

— Como pode estar tão certa?

— Talvez porque tenho passado tanto tempo sozinha. Adquiri uma grande intuição — respondeu Alvina. — Desde criança tenho esse instinto para julgar as pessoas. E quase nunca me engano.

— Quer dizer que é clarividente? — perguntou o duque na brincadeira.

— Não exatamente, mas você sabe que os Harling têm uma mistura de raças e o nosso sangue céltico é muito forte.

Vendo a expressão de surpresa do duque, ela explicou:

— Minha mãe era irlandesa, minha bisavó, escocesa, e mamãe tinha muitos parentes galeses, embora eu não os tivesse conhecido.

— Se é assim... — disse o duque. — Minha bisavó era escandinava.

— Então você também deve ser muito perceptivo.

— Creio que posso julgar um homem sem saber nada a seu respeito. E seguindo meu instinto, nunca falho.

— E com as mulheres?

— Se responder que sim, você vai poder me atirar na cara que me enganei redondamente a seu respeito.

— Você pensou mesmo... que eu tinha tirado aquele dinheiro em proveito próprio? — perguntou, quase sussurrando.

— Para ser honesto, pensei que estava sustentando algum homem que seu pai não aprovava.

Alvina desatou a rir.

— Isso realmente passa dos limites! Não vejo um jovem há anos. Quando papai decidiu que estava sem dinheiro, recusava todos os convites. E se alguém aparecia aqui, ele mandava embora... e na maior parte das vezes, rudemente!

— Você deve ter se sentido muito só.

– Teria sido bem pior se não tivesse livros para ler e a Sra. Richardson para conversar.

Olhou para o duque, receosa que ele não fosse da mesma opinião.

– Ela é uma pessoa incrível. Seu pai era professor em Oxford e escreveu vários livros sobre história romana que foram lidos nas escolas de todo o país. Ela o ajudava e foi também uma ótima aluna.

– Você teve uma boa mestra – afirmou o duque.

– Claro que tive! E lhe agradeço muito por ter permitido que ela voltasse ao trabalho.

Ela ficou muito emocionada.

– Você a convidou para jantar conosco, esta noite?

– Convidei, mas ela recusou. Estava com muitas dores nas pernas, o que sempre acontece à noite. Nessas horas prefere ficar sozinha.

– Entendo. Temos que arranjar um especialista em reumatismo para cuidar dela.

– Verdade?

– Deve haver em Londres muitos especialistas em reumatismo, já que tantas pessoas de idade sofrem dessa doença.

Alvina lhe estendeu a mão, quase como num carinho.

– Como pode... ser... tão gentil? – disse baixinho.

O duque deu-lhe a mão, sentindo os dedos dela tremerem. – Eu odiava você – disse Alvina. – Primeiro porque tinha ficado no lugar de Richard e depois porque não respondeu à minha carta.

– Imagino – respondeu o duque suavemente.

– E quando chegou e se zangou comigo, achei que você era um insensível, sem coração.

Hesitou um pouco antes de concluir:

– Agora me arrependo de ter pensado assim. O duque sorriu.

– Acho que os nossos instintos celtas estavam em férias. Decididamente não funcionaram quando a gente se encontrou! Temos que começar tudo de novo, Alvina.

– Já começamos. A Sra. Johnson tem três moças ajudando na cozinha e Walton falou que amanhã virá outro empregado da vila, inclusive alguns que já trabalharam com os Harling anos atrás.

Seus olhos brilhavam de alegria.

– Obrigada! Obrigada por ser o chefe de família que nós queríamos

— sussurrou.

CAPÍTULO IV

Voltando para Londres, o duque sentiu que nunca havia passado dois dias mais agradáveis.

Alvina o acompanhara num passeio pela propriedade, os dois montados nos cavalos recentemente adquiridos pelo duque, que eram sem dúvida excelentes montadas.

Habituada àqueles velhos cavalos que lhe restavam, para ela fora emocionante montar cavalos puros-sangues.

Era uma ótima amazona e a felicidade que transmitia tornava-a extremamente atraente.

A roupa de montar era velha e desbotada, mas muito bem cortada, realçando sua figura esbelta e elegante.

O duque já andara a cavalo com mulheres lindas em Paris e também em Viena, com loiras estonteantes que se orgulhavam muito do companheiro.

Apesar disso, admitiu consigo mesmo que a prima ganhava de todas.

Excitada com tudo o que ele planejava fazer, o rosto dela transmitia uma alegria que raramente observara no rosto de uma mulher. A não ser quando estava fazendo amor com ela.

Na noite anterior eles examinaram o livro onde Alvina havia anotado todas as despesas desde 1814, quando o pai começou a ficar avarento.

Primeiro, Alvina registrara os gastos em comida, feitos com as 200 libras de mesada que a mãe havia deixado para gastar em roupas.

Depois, quando o pai se convenceu de que estava falido, ela começou a pagar os ordenados dos velhos criados que ele insistia em despedir.

— Os Walton, a Sra. Johnson e Emma eram velhos demais para irem embora — disse Alvina com sua voz doce. — Felizmente, os mais novos encontraram algum emprego. Os outros empregados mudaram de terra ou aceitaram trabalhos de que não gostavam.

Após uma pausa, ela comentou:

— Viveram aqui toda a vida e suas famílias sempre serviram os Harling.

— Só nos resta esperar que alguns deles possam voltar agora — retorquiu o duque.

– Foi muito gentil da sua parte ter mandado Mark levar os Walton e a Sra. Johnson à vila numa carruagem.

– Eles mal podem andar.

Conhecendo bem a distância, Alvina deu uma risada.

– Levariam um bom tempo. Foi uma das razões de não irem embora. Mesmo que tivessem vontade. Papai vendera todos os cavalos.

– Mas você conseguiu manter dois – afirmou o duque.

– Sim. Um que costumo montar há anos, e o pobre Rufus que ninguém iria comprar, de tão velho. Deve ter mais de dezessete anos.

O duque não fez nenhum comentário. Já repetira mil vezes que a situação toda era inacreditável. Agora, queria apenas ouvir.

No entanto, desejava descobrir exatamente como tudo aquilo acontecera.

Quando visitou as propriedades, entendeu que ninguém com um mínimo de decência poderia mandar os Henderson embora porque eles não tinham condições de pagar as rendas.

Cinco gerações de Henderson haviam cuidado daquelas terras.

O mesmo acontecera com outros arrendatários, e com inúmeras famílias.

O duque ficara abalado com o estado das casas. Os telhados não viam conserto há anos e muitos dos barracões anexos se encontravam no pior estado.

– As coisas iam correndo bem durante a guerra, Alteza – contou um dos agricultores. – Mas assim que acabou, ninguém queria mais manter os arrendatários e a grande colheita de 1815 acabou com o mercado.

O duque compreendeu rapidamente que poucos proprietários fizeram alguma economia. Incapazes de pensar noutra coisa, senão em ganhar dinheiro, investiram tudo nas terras.

O solo, empobrecido pelo frequente cultivo durante a guerra, tornou-se árido justamente quando o preço do trigo caía desastrosamente.

Nessa altura, os dois já haviam cavalgado por mais da metade da propriedade, escutando as queixas de todos. Puderam assim compreender melhor o medo que levou o último duque a pensar que estava arruinado.

Agora, tentaria reparar muitos dos prejuízos, mas infelizmente não poderia substituir os homens que haviam morrido em batalha.

O duque acabou prometendo emprestar dinheiro para os

melhoramentos necessários, sem cobrar juros durante três anos. Assim que voltasse a Londres, trataria de saber quais os melhores mercados para as futuras colheitas.

Os agricultores agradeciam quase pateticamente as promessas do duque. A certa altura ele disse para Alvina:

— Espero não estar sendo muito otimista e que haja compradores para todo o milho, cevada, aveia e os outros cultivos.

— O mais importante é que haja trabalho para os jovens — respondeu Alvina.

O duque sabia que era verdade.

No caminho para Londres tinha visto, pelas cidades por onde passava, homens que deviam ter despido o uniforme.

Sentados na grama, ou na porta das estalagens, tentavam passar o tempo, pois estavam desocupados.

Pensou, satisfeito, que pelo menos ele tinha muitas vagas agora no castelo.

O jardineiro chefe estava velho demais para trabalhar, mas Alvina era de opinião que ainda seria capaz de dirigir os novos contratados. Além disso, ele sabia como ninguém o que era melhor plantar no pomar e na horta.

Antigamente havia canteiros de morangos, ervilhas e feijão para consumo no próprio castelo.

A primeira atitude a tomar era contratar um administrador, mas como Alvina estava habituada a fazer esse trabalho e queria contratar novamente os empregados que tinham sido despedidos, o duque achou melhor deixar que ela mesma providenciasse o necessário neste setor. A propriedade era enorme.

Assim, no dia seguinte eles visitaram outras áreas, inspecionaram um orfanato que se encontrava fechado há três anos e verificaram que as escolas estavam vazias e abandonadas.

Estiveram também em várias igrejas praticamente em ruínas. A maioria dos padres partira por causa do duque.

No fim da tarde, depois de almoçarem numa estalagem, onde comeram pão fresco e beberam cidra caseira, voltaram ao castelo. O duque se sentia bastante cansado.

Alvina, por sua vez, apesar da aparência frágil, estava tão fresca e descansada como no início da manhã.

Era transparente em seu rosto como ela sentia-se aliviada do peso do desespero e miséria que carregara por tanto tempo.

Após o jantar, depois de terem quase completado os planos para os próximos meses, o duque falou:

— Alvina, agora chegou o momento de nos preocuparmos com você — falou num tom de voz sério. — Você me colocou no caminho certo, agora quero lhe retribuir.

— O que quer dizer com isso?

— Você tem dezenove anos e devia ter debutado em Londres no ano passado, mas ainda estava de luto. Agora, com Berkeley Square a sua disposição, precisa conhecer a alta sociedade e o príncipe regente, é claro.

Esperava que Alvina ficasse entusiasmada com a idéia, como qualquer outra jovem, mas em vez disso ela afastou o olhar, dizendo:

— Eu preferia ficar aqui. Já passei da idade... de debutar.

— Não é verdade. E embora eu esteja muito grato pela sua ajuda, não posso permitir que perca a sua juventude e beleza, cuidando dos aposentados e abrindo escolas para as crianças carentes.

Alvina levantou-se da poltrona e foi até a janela.

Era noite e lá fora as estrelas brilhavam no céu. O luar iluminava o topo dos carvalhos, no parque.

Eles ficaram olhando para fora, em silêncio.

O duque observava sua figura magra e elegante. Estava usando um vestido de musselina branca feito pela Srta. Richardson.

O tecido realçava a curva suave de seus seios, embora estivesse magra demais devido à má alimentação.

O duque sabia agora que a melhor refeição que se comera no castelo durante aquele tempo eram uns coelhos que Alvina pagava para os meninos apanharem no parque. No mais, ovos das poucas galinhas que restavam.

Os legumes antigamente cresciam em abundância na horta, mas com o passar dos anos Alvina fora obrigada a catá-los no meio das ervas daninhas.

Apenas pudera plantar batatas para complementar a alimentação frugal. Pensando em tudo isso, o duque não entendia por que ela não se entusiasmara com a possibilidade de ir para Londres.

Virando-se de repente, ela disse:

— Não! Seria um erro. Se não... me quer aqui, talvez me autorizasse a viver numa das casas lá fora. Ficaria muito feliz se a Srta. Richardson

pudesse... ficar comigo.

O duque olhou para ela, atônito.

— Minha querida, a Srta. Richardson é uma mulher idosa, enquanto que você é jovem e tem a vida toda pela frente. É evidente que precisa ocupar o seu devido lugar na sociedade. Como aconteceria se sua mãe estivesse viva.

— Será que você está procurando... uma maneira delicada... de se ver livre de mim? — perguntou Alvina. — Talvez você esteja pensando... em se casar. O duque fez uma pausa, antes de acrescentar com firmeza:

— Não tenho a menor intenção de me casar, pelo menos por agora.

Era impossível pensar em Christine cuidando dos empregados da propriedade, como Alvina fizera. Tampouco ela iria querer ficar muito tempo no castelo.

De Berkeley Square, sim, ela iria gostar. Uma sociedade sofisticada e amante de prazeres da qual ela participara a vida inteira.

Seus pensamentos foram interrompidos por Alvina.

— Se não se incomoda em me deixar ficar aqui... Por favor, posso ficar com você? Eu teria medo em outro lugar. Deve perceber que eu não estou habituada à sociedade.

— Que é composta de pessoas — replicou o duque, sorrindo. — Pessoas como você e eu. E não compõem uma raça à parte.

Não era bem verdade, e ele sabia.

Não havia nada em comum entre aquela gente que visitaram na propriedade e que adoravam Alvina e aquela sociedade de Londres, alegre e irresponsável, composta de gente egoísta, extravagante, que só se preocupava em se divertir.

Para eles Alvina seria apenas uma provinciana mal vestida.

Como havia passado todo seu tempo livre freqüentando as beldades mais elegantes de várias capitais, o duque sabia como a roupa era importante para uma mulher daquele meio.

— Tem que ir a Londres, quanto mais não seja, para comprar vestidos novos — disse ele.

Nem lhe passou pela cabeça que Alvina se sentisse insultada. Vendo que ela corava, apressou-se a acrescentar:

— Devia ter dito antes que você é linda, mas mesmo os quadros mais bonitos precisam de uma moldura para realçá-los.

— Estou com o pressentimento que você está me elogiando para

conseguir o que quer. Apesar de adorar ter vestidos novos, receio que, se me afastar daqui, você não vai me deixar voltar.

Parecia estar brincando, mas o duque percebeu que no fundo estava mesmo com medo.

— Garanto a você que o castelo é o seu lar — apressou-se a dizer. — Enquanto você quiser ficar.

— E se... você se casar? O que vai acontecer?

— Já comentei que não tenho intenções de me casar — repetiu, irritado. — Pelo menos, por enquanto.

— Mas vai ter que se casar, senão o primo Jason poderá tomar o seu lugar.

— Vou tratar de Jason, assim que chegar a Londres, e não precisa mais se preocupar por causa dele. Olhou fixo para ela e falou sério:

— Pelo amor de Deus, pare de pensar nos outros e pense um pouco em você. Já cuidou de tudo durante muito tempo, o que não é nada natural numa jovem tão linda, garanto.

Viu que ela corava, enquanto insistia:

— Eu... não quero... ir para Londres.

— Se é assim, precisa lembrar que seu pai morreu e eu não sou apenas o chefe da família, mas também seu tutor. Agora, terá que me obedecer. Voltou-se para ele, com um brilho de desafio no olhar.

— E... se eu não obedecer?

— Então tenho que pensar num castigo horrendo, para obrigá-la a se ajoelhar a meus pés.

— E o que seria esse castigo?

— De momento ainda não pensei — respondeu o duque. — Mas talvez ponha de lado a idéia de lhe comprar cavalos novos no Tattersall. Ou então abandonar os planos de um baile, aqui no castelo, para apresentar você e o novo duque às pessoas do ducado e aos meus amigos de Londres.

— Um baile? — ela repetiu, estupefata.

— Um baile — confirmou o duque. — E é bom que você aprenda a dançar a nova valsa, introduzida em Londres pela princesa de Lieven.

Alvina saiu da janela, sentando-se na frente dele.

— Você falou... mesmo... num baile? Acho que estou... sonhando.

— Faça questão de celebrar a minha volta de maneira estrondosa.

Na verdade, nunca tinha pensado no assunto, mas sabia que era a

melhor maneira de fazer com que Alvina entrasse no mundo que a esperava lá fora, depois de tantos anos de clausura.

— Nunca pensei em ver um baile aqui no castelo. E que eu... poderia dançar.

— Pois é o que pretendo fazer — disse o duque.

— Mas o salão de baile não é usado há anos. As paredes têm que ser lavadas, o chão... encerado e polido, e tenho certeza que as traças fizeram estragos... nas cadeiras e nas cortinas.

— Como pretendo dar o baile daqui a um mês, é melhor começar a trabalhar.

Alvina protestou.

— Mas é impossível! Completamente impossível. Com tudo que há para fazer!

— Nada é impossível quando se tem muito dinheiro, Alvina, e como você mesma frisou, há dezenas de homens que a gente conhece e confia, porque são gente nossa, desejosos por trabalhar.

— Sim, sim... é claro... isso é verdade — concordou Alvina. — Mas eu preciso pensar no que deve ser feito.

— Estou certo que posso deixar tudo em suas mãos — disse o duque, rindo. — Quando eu voltar de Londres daqui a dois ou três dias, já terei a lista dos melhores costureiros que você deve visitar. Então você irá com a Srta. Richardson e ficará em Berkeley Square.

— Você está indo... muito depressa — protestou Alvina. — Eu já disse... não quero ser debutante.

— Chame do que quiser — retorquiu o duque. — Eu tenho as minhas obrigações e você sabe muito bem que, como filha de um duque, também tem as suas.

Isso era inegável e Alvina depois de refletir um pouco falou com sua voz suave:

— Eu sei que você tem razão... mas tenho certeza que vou me confundir toda.

— Assim como está me ajudando a resolver meus problemas, vou ajudá-la em tudo que a espera em Londres. Nisso sou perito.

Continuaram conversando por muitas horas sobre tudo que ainda havia para fazer, além de melhorar a propriedade.

Mais tarde, quando subia as escadas, em direção aos quartos, Alvina

parou no patamar para lhe dar boa-noite e disse:

— Tem mesmo certeza que não vou ficar... totalmente deslocada em Londres? Não vai... se envergonhar de mim?

— Estou disposto a gastar o que for necessário para você mesma se surpreender com o seu sucesso. Dentro de pouco tempo perceberá que é um direito que lhe assiste.

Alvina deu uma risada e ele continuou:

— Nessa altura, como todas as mulheres, vai me culpar e reclamar dos lapsos que por ventura houver e se esquecerá de me agradecer. Ele estava caçoando dela, mas Alvina o olhou com os olhos muito abertos, dizendo:

— Como poderia ser outra coisa além de muito, muito grata a você? Talvez um dia eu encontre uma maneira de lhe agradecer.

Encabulada, se despediu, antes do duque responder alguma coisa:

— Boa noite, primo Dave.

E saiu correndo, para o seu quarto.

“Vou fazer com que ela seja um sucesso. Pois bem merece, depois de tudo o que passou”, pensou o duque. No entanto, sabia que a vida social em que a queria introduzir era muito diferente da que ela conhecera até aquele momento.

Devia ter sido doloroso para Alvina viver no castelo com a loucura do pai. E, depois que ele morrera, ela passou a temer a fome, sem ter ninguém que a aconselhasse.

— Tudo por minha culpa — recriminou-se pela milésima vez. — Eu devia ter voltado para casa, por mais que Wellington ficasse aborrecido.

Como era impossível regredir no tempo, agora a sua primeira obrigação, como chefe daquela família, era fazer tudo para que o futuro de Alvina fosse muito diferente do passado.

Quando chegou em Berkeley Square, teve um prazer enorme ao ver Bateson e quatro criados, impecavelmente fardados, esperando por ele no salão aberto, brilhando de limpeza. Toda a casa cheirava a cera.

O duque mandara um criado, um dia antes, avisar Bateson da sua chegada. Era um homem de meia-idade que trabalhara no castelo antes de se alistar na marinha. O coitado voltou da guerra para ser logo despedido. Por instinto, o duque soube que ele era de confiança e muito bom para cuidar de cavalos.

Voltou a contratá-lo imediatamente e recomendou-lhe que procurasse

na vila dois outros homens para trabalhar com ele.

Depois daqueles três anos de sofrimento, o homem voltava a ter confiança em si próprio. Quando o mandou a Londres, o duque tinha certeza que ele iria desempenhar bem a sua função. Assim que entrou no salão, Bateson disse:

— O major Chertson mandou avisar que recebeu o vosso bilhete, Alteza, e que terá o maior prazer em vir almoçar hoje.

O duque olhou para o relógio. Gerald só devia chegar nos próximos quarenta e cinco minutos. Enquanto isso iria cuidar de outras coisas.

Quando Gerald Chertson apareceu, o duque já havia escrito uma pilha de cartas. Algumas para ser entregues pessoalmente, outras para colocar no correio.

Gerald entrou como um furacão e, quando o duque se levantou para recebê-lo, parecia até que eles não se viam há séculos. Tinha muito o que contar ao amigo, enquanto bebiam várias taças de champanhe, antes do almoço.

Discutiram bastante as melhorias que precisavam ser feitas na propriedade, sobre as quais Gerald tinha várias opiniões.

— Sempre soube que você era um ótimo organizador — disse o amigo, finalizando a conversa. — Agora, com uma campanha própria nas mãos, imagino o prazer que isso vai lhe dar.

— O que quer dizer com isso? — perguntou o duque.

— Quando estávamos em Paris, juntos, notei que você estava com todas as honras, era o preferido do grande homem e por onde quer que fosse lhe estendiam passadeiras vermelhas. Mas, no fundo, não tinha um ideal para lutar.

— Lutar? Não fiz outra coisa nos últimos cinco anos — protestou o duque.

— Não é disso que estou falando, seu tolo. Quero dizer um ideal de vida, lutar por aquilo que você deseja pessoalmente, o que é muito diferente.

— Creio que você tem razão. Meu trabalho agora é assim como ter nas mãos um batalhão de recrutas e ficar imaginando se eles se tornarão os excelentes soldados que você deseja.

— Você vai conseguir, mas estou intrigado é com essa sua prima. Fale-me dela.

— É aí que preciso da sua ajuda. Você passou muito mais tempo em

Londres do que eu. Sabe muito melhor o que ela deve e não deve fazer.

— Antes de mais nada, você tem que lhe arranjar uma dama de companhia — disse Gerald. — Alguém que a apresente às anfitriãs certas e faça com que seja admitida no Almack, evidentemente.

— Já tratei com... — ia dizendo o duque.

— Se está pensando na governanta, esqueça. O que você precisa mesmo é de uma mulher distinta, respeitada por todas as senhoras da melhor sociedade. Não haverá ninguém entre as suas parentes?

— Tenho pensado em quem a poderá introduzir na corte — disse o duque.

— Você necessita de quem faça mais do que isso. Naturalmente, deve ser alguém com uma ótima reputação.

O duque percebeu que Gerald estava sutilmente pondo lady Christine de lado. Pensando bem, ela seria a última pessoa que pensaria em apresentar a Alvina.

Durante o tempo que estivera no castelo não quis pensar em Christine. Agora, fazia um esforço para não perguntar a Gerald se ela já voltara para a Inglaterra.

Nem foi preciso formular a pergunta.

— Christine chegou de Paris, ontem — comentou Gerald. — Está na casa do pai, em Piccadilly, esperando que você vá jantar com ela esta noite.

— Por que você lhe contou que eu estava de volta? — perguntou o duque secamente.

— Não precisei dizer nada, ela já sabia.

— Como?

— Mandou uma empregada aqui, imagino eu, para saber quando você voltaria. Como você não pediu segredo ao seu mordomo, ele naturalmente respondeu.

— Diabos! — praguejou. — Agora realmente não tenho tempo para Christine.

— Olhe que os planos dela são outros!

— Vai ter uma decepção.

Era mais fácil dizer do que fazer.

O duque não teve sequer tempo de escrever um bilhete para o pai dela, desculpando-se por não ir ao jantar.

Assim que voltou a Berkeley Square, depois de passar a tarde com o

príncipe regente que o recebera entusiasticamente em Carlton House, viu uma carruagem estacionada em frente à sua casa.

Ele conhecia muito bem o brasão gravado na porta do veículo. Christine já estava esperando por ele.

Não havia nada a fazer, sabia muito bem que ela não sairia dali enquanto não o visse.

Bateson o informou que ela o esperava há mais de uma hora.

O duque entrou no salão, fechando a porta. Ela se levantou da poltrona, junto da lareira.

Tinha que admitir que ela estava linda. Havia tirado a capa e o chapéu com pequenas plumas.

O vestido moderno era quase transparente e revelava a perfeição de seu corpo.

O duque mal teve tempo de observá-la. Correndo, ela se atirou em seus braços, com uma expressão de desejo nos olhos.

Beijou-o, antes dele ter tempo de dizer alguma coisa. E seu beijo foi cheio de paixão.

Sentindo o corpo dela colando-se cada vez mais ao seu, era impossível deixar de abraçá-la.

Quando ele se afastou um pouco, conseguiu dizer:

– Não esperava que você voltasse da França tão cedo.

– Mas está contente por me ver. Diga-me, querido, que está feliz por me ver!

Embora o tom sedutor fosse um pouco forçado, o duque percebeu que ela estava verdadeiramente excitada com a presença dele e com os beijos que trocaram.

– Oh, Dave, como senti a sua falta. Paris não era a mesma sem você. Apesar do príncipe de Comte se desfazer em cortesias comigo e de eu ter dúzias de convites para jantar todas as noites.

Com dificuldade, o duque conseguiu se libertar dos braços dela e foi até a lareira, dizendo:

– Não me admira, Christine. Você está ótima.

– Todos os homens me dizem o mesmo – comentou um pouco mal-humorada. – Quero que você me diga que morreu de saudades.

– Receio que não seja verdade – respondeu o duque, pela simples razão de não ter tido tempo.

– Ocupado demais para pensar em mim? De novo, não o deixou responder.

– Oh, Dave! Temos tanta coisa para fazer juntos! Embora eu preferisse jantar a sós com você, penso que devemos ir a Carlton House.

O duque sorriu.

– Acabei de visitar o príncipe regente e ele me convidou para um jantar oficial. Christine fez uma cara travessa.

– Eu já imaginava. Jantei com ele ontem e contei o nosso segredo. O duque ficou muito sério.

– Acho que cometeu um erro.

– Por quê? – ela perguntou. – Todos com quem falei se diziam satisfeitos por você ser o novo duque e falavam das maravilhas do seu castelo.

Depois de olhar em volta, continuou:

– E esta casa é perfeita para tudo quanto queremos fazer em Londres. Já fui ver o salão lá em cima. Podemos ter, pelo menos, cento e cinquenta pessoas nas nossas festas, sem ficar nada apertado.

O duque cerrou as sobrancelhas.

– Christine, você foi ver a casa na minha ausência?

– Não seja tão enjoado! Só quis me certificar que seríamos felizes aqui, embora a gente seja feliz em qualquer lugar, é claro. Por outro lado, eu preciso de um cenário adequado para ser uma perfeita anfitriã.

O duque ficou em silêncio, procurando palavras para informá-la de que não ia casar com ninguém, por enquanto. Mas a porta se abriu e Gerald entrou.

– Acho que devo me desculpar por tê-lo feito esperar, mas Bateson me disse que você acabou de chegar.

– E verdade – confirmou o duque. Gerald beijou a mão de Christine, dizendo:

– Calculava que ia encontrar você aqui.

– Há mais de uma hora que estou esperando por Dave, mas não perdi meu tempo...

– O que andou fazendo? – perguntou Gerald para satisfazê-la.

– Estive descobrindo que esta casa é perfeita para festas e recepções. Já me imagino recepcionando os nossos convidados no topo daquela linda escadaria.

Gerald viu o rosto do duque se endurecer e falou:

— Você está andando depressa demais, Christine. Há poucas horas, Dave me informou que tem tanta coisa a fazer que não vai pensar em se casar tão cedo.

O duque sorriu intimamente. Desde que se tornaram amigos, Gerald estava sempre pronto a tirá-lo da força no derradeiro momento.

— É verdade — falou o duque. — Vão se passar alguns anos até que o castelo e a propriedade toda estejam em ordem novamente.

Ficaram em silêncio, o olhar de Christine passando de um para o outro.

— O que isto tudo quer dizer? — perguntou. Sua voz agora era completamente diferente.

— E uma conspiração de vocês dois?

— Evidentemente que não — respondeu Gerald. — Mas é sempre bom a gente encarar os fatos de frente. E a realidade é que Dave, nesse momento, não está no mercado de casamentos.

— Este assunto não é da sua conta! — exclamou furiosa. — Acho que Dave pode falar por ele mesmo.

Reconsiderando a atitude que estava tomando, ela se levantou e foi pegar na mão do duque.

— Conversaremos quando estivermos a sós — falou suavemente. O duque beijou-lhe a mão, dizendo:

— Vejo você logo mais à noite, em Carlton House.

— Espero que seja gentil e me leve para casa, depois — disse num tom infantil que usava sempre que se achava em perigo. — Papai odeia que os cavalos e o cocheiro fiquem fora até tarde.

O duque não encontrou nenhuma saída para recusar. Ela lançou um sorriso para Gerald, mas seus olhos cuspiam ódio.

Depois, quando o duque abriu a porta para ela passar, saiu da sala, como se fosse uma deusa descendo do Olimpo.

No momento em que passou pelo duque, disse baixinho:

— *Au revoir*, meu amor. Vou ficar contando as horas que faltam para nosso encontro, a sós...

Assim que ela partiu, o duque voltou para junto de Gerald.

— Tenho que lhe agradecer. Mas não sei se você melhorou ou piorou a situação — disse ele.

– Não creio que possa ter ficado ainda pior, a não ser que você pretenda casar com ela. O duque não respondeu.

– Eu sei, Dave, que nunca interferi nos seus romances, mas acho que precisa ficar sabendo o que me disseram agora mesmo no White's. Ela não saiu correndo de Paris só por sua causa.

O duque ficou olhando para ele, intrigado, e Gerald esclareceu:

– Depois de você ter vindo, ela flertou com o duque de Gramont e a duquesa ficou furiosa. Houve uma cena entre as duas numa festa, onde estava Paris inteira. Christine não teve outro remédio senão vir embora no dia seguinte.

O duque ficou andando de um lado para o outro, antes de falar.

– Ainda bem que você me contou. Estou metido numa arapuca.

– Eu já previa. Ela está decidida a se tornar duquesa e não posso imaginar destino pior para um homem do que se casar com Christine.

Era verdade, mas ela fora tão persistente que o duque chegara a pensar em desposá-la.

Não conseguia imaginá-la no castelo, cuidando das pessoas que trabalhavam para ele e se preocupando com a educação das crianças ou se os mais velhos precisavam de assistência médica.

Por outro lado, tinha o pressentimento desagradável que Christine faria tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir um rompimento da relação.

Como se Gerald adivinhasse o que ele estava pensando, disse:

– Pelo amor de Deus, Dave, tenha cuidado. Ela é uma mulher perigosa e você vai ter dificuldade em se livrar dela.

– Ninguém, nem mesmo Prinny, pode me obrigar a casar com quem não quero! – afirmou o duque.

– Não esteja tão seguro. A última coisa que você precisa neste momento é de um escândalo – retorquiu Gerald.

– Isso é verdade. Mais um problema para somar aos que já tenho.

– Vou lhe dar outra notícia. Talvez seja ainda mais desagradável – disse Gerald.

– O que é?

– Jason vem falar com você, amanhã de manhã. Pelo que ouvi, ou você paga a fiança ou ele vai parar numa galera.

O duque ficou estarelecido.

As galeras eram prisões para os caloteiros. Era sabido que se algum nobre era enviado para lá por não ter pago as suas dívidas, os jornais davam a maior publicidade ao assunto.

A pior coisa do mundo para ele seria saber que um Harling estava lá.

No momento em que se preparava para ocupar o seu lugar na Câmara dos Lordes como o quinto duque de Harlington, não podia admitir que um primo seu fosse encarcerado numa vulgar prisão de caloteiros.

— Já tinha decidido ver Jason e dizer que pretendo lhe dar uma mesada generosa, se ele tiver um comportamento decente.

— Vai lhe custar um dinheirão livrá-lo da cadeia. E não acredito que ele agradeça ou concorde com as suas condições.

— Eu o obrigarei a concordar! — afirmou o duque, autoritariamente.

— Como? — perguntou Gerald, simplesmente.

Sem dúvida, o duque não tinha resposta para aquela pergunta.

CAPÍTULO V

O príncipe regente se retirou cedo, de braço dado com lady Hertford.

Uma das poucas coisas que gostavam em lady Hertford, era seus cuidados com a saúde do príncipe, entre os quais não permitir que ele se deitasse tarde demais.

Além disso, ela já não era muito nova e estava sempre ansiosa por terminar a noite muito antes daqueles que rodeavam o príncipe regente.

O duque, vendo-os ir embora, olhou à sua volta, procurando Gerald Chertson e viu que ele estava conversando seriamente com o visconde Castlereagh, secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros.

Não querendo interromper, foi andando lentamente através do salão de recepções, reparando nas novas aquisições que tinham sido feitas, desde a última vez que estivera na Inglaterra.

A paixão do príncipe em colecionar peças de arte, assim como os seus romances, despertavam muitos comentários entre as forças armadas.

Mas enquanto toda a corte criticava severamente a pilha de dívidas que se acumulavam devido à aquisição de tantos tesouros instalados em Carlton House e no pavilhão real de Brighton, o duque, ao contrário, não fazia nenhuma objeção a isso.

Tinha certeza que as gerações futuras iriam aclamar o príncipe regente como um homem de um bom gosto excepcional. Mas, no momento, a única coisa que preocupava a população era o interesse em mulheres e as dívidas que ele contraía.

Parou, apreciando uns quadros holandeses que o príncipe regente tinha comprado no início do século. Admitiu que ele fora muito inteligente, adquirindo-os ainda a um preço barato.

Havia também algumas estátuas e uma coleção de miniaturas que o duque inspecionou cuidadosamente, pensando, satisfeito, que não eram tão boas como aquelas que possuía.

Gerald acabou a conversa e veio ao seu encontro.

- Está pronto para ir embora? — perguntou.
- Estou, mas não quis interromper a sua conversa com Castlereagh.
- Foi muito interessante. Depois eu lhe conto, a caminho de casa.

— Por falar nisso, já há algumas horas que não vejo Christine — disse Gerald, enquanto se encaminhavam para a porta.

— Nem eu. Você acha que ela já foi embora? — perguntou o duque.

— Não me parece, a não ser que esteja zangada com você.

Talvez fosse isso.

O duque tinha ignorado o olhar convidativo de Christine, quando os cavalheiros se juntaram às senhoras, depois do jantar. Preferiu ficar conversando com um dos outros convidados.

Nem era preciso olhar para ela, para ver que seus olhos estavam negros de raiva e que ela batia com o leque no braço da cadeira, furiosa.

Mas ele não tinha intenções de se exhibir em público como propriedade de Christine. Assim, passou a noite inteira evitando-a.

A essa altura, ela devia estar com um dos ataques de mau humor que ele conhecia muito bem. Provavelmente arranjava alguém para levá-la para casa, convencida de que ia deixar o duque cheio de ciúmes.

Não havia sinal dela por ali e quando os dois amigos sentaram-se confortavelmente na carruagem, Gerald comentou:

— Você parece muito satisfeito com a sua proeza, mas tenho certeza absoluta que Christine não o deixará escapar com tanta facilidade.

Ao ver o ar sério do duque, o amigo percebeu que ele não estava gostando daquela intromissão na sua vida particular.

— Desculpe Dave, mas como sou muito seu amigo, quero apenas me certificar de que pelo menos sua liberdade não está em perigo.

O duque não respondeu.

— A noite ainda é uma criança. Não quer se divertir um pouco? — continuou Gerald. — No Palácio da Fortuna estão umas cipriotas extremamente atraentes. Hoje de manhã no clube, todo mundo as elogiou.

— Para ser honesto, nunca tive um dia tão comprido. Na verdade, comprido demais! E ainda tenho muito em que pensar!

Gerald desatou a rir.

— Você iria ficar logo aborrecido se não tivesse nada para fazer! Tudo bem, hoje vamos deitar cedo, mas amanhã sairemos juntos, quer você queira quer não. Senão daqui a pouco fica velho e não aproveitou nada!

O duque deu uma risada.

— Agora resolveu me assustar, hein? Mas seja como você quer. Vou mesmo precisar de alguém que me anime, depois de falar com Jason, amanhã

de manhã.

— Você está subestimando o efeito que ele vai ter sobre você!

A carruagem parou na porta em Berkeley Square e o duque saltou, mandando o cocheiro levar o major Chertson aos seus alojamentos em Half-Moon Street.

— Depois não precisarei mais de você — acrescentou. O homem fez uma saudação e partiu.

Um dos criados abriu a porta, mal o duque começou a subir as escadas. Era um jovem de ar inteligente.

— Qual é o seu nome? — perguntou o duque.

— Henry, alteza.

— O que fazia antes de entrar para o meu serviço?

— Eu estava na Marinha, alteza.

Continuou a fazer perguntas ao rapaz e ficou sabendo que ele era jovem demais para continuar no mar, onde servira durante pouco mais de um ano. O rapaz disse também que depois de ter sido desmobilizado teve muita dificuldade em encontrar outro emprego.

Agradeceu ao duque estar trabalhando em Harlington House, desejando que o patrão ficasse satisfeito com o seu trabalho.

O duque, gostando do seu jeito de falar, respondeu:

— Preste bem atenção em tudo que o Sr. Bateson lhe disser. Ele trabalhou aqui durante toda a vida e não há nada que não saiba.

— Farei o possível, alteza.

O duque sorriu e foi diretamente para os seus aposentos.

Assim que chegou ao patamar, olhou para trás, vendo que Henry, depois de fechar a porta, se instalara confortavelmente na poltrona onde costumava ficar o vigia da noite.

No quarto do duque havia uma cama de dossel, tal como no castelo, instalada no dormitório principal, onde dormiram todos os duques de Harlington, no reinado da rainha Anne.

Passando na pequena entrada, antes do quarto, reparou que havia luz lá dentro, mas quando entrou teve uma surpresa: seu criado particular não estava lhe esperando. Irritado, pensando que não ia tolerar aquela falha, foi até junto da lareira e ia tocar a campainha, quando ouviu:

— Eu disse ao seu empregado que ficaria esperando você!

Voltou-se, admirado.

Christine estava deitada na cama, meio escondida pela cortina drapeada. Usava no corpo apenas um colar de esmeraldas. Achou que devia ter sido um presente do duque de Gramont. Num tom visivelmente irritado, perguntou:

- O que está fazendo aqui, Christine?
- Esperando por você, querido.
- Pensei que você tivesse ido para casa.

Era um comentário idiota, mas naquele momento o duque não conseguia encontrar uma solução para se livrar dela, sem provocar um escândalo.

Sabia que era isso mesmo que ela queria e entrou consciente da armadilha em que caíra.

Como ele continuasse em pé olhando para ela, Christine estendeu os braços.

— Vou explicar tudo o que você quer saber — disse suavemente. — Mas será muito mais fácil se você estiver pertinho de mim.

Deitado na escuridão, o duque ouvia a respiração tranqüila de Christine, dormindo.

Do ponto de vista físico, aquela relação era realmente muito satisfatória. Tinha feito o que ela queria para evitar recriações desagradáveis.

A última vela que restava se apagou. Agora, a única iluminação vinha do luar, entrando pelas cortinas.

Com todo o cuidado, o duque levantou-se da cama, pegou suas roupas e saiu do quarto de mansinho.

Seus gestos eram silenciosos como os de um soldado preparando uma emboscada. Sempre ensinara a seus homens que isso era indispensável para atacar de surpresa o inimigo. Muitos franceses foram apanhados assim. Quando menos esperavam, viam-se cercados pelos soldados ingleses.

Uma vez fora do quarto, o duque foi para seu banheiro particular, onde estavam os armários com roupas.

Ainda sem fazer barulho, vestiu o mesmo traje que usara em Carlton House, com uma presteza que sempre enfurecia qualquer criado que cuidasse dele.

Depois desceu, fazendo um ruído suficiente para acordar Henry, que se levantou imediatamente.

— Vou sair novamente Henry, e devo demorar. Assim que eu tiver ido embora, quero que vá até a cocheira do duque de Melchester, em Park Lane. Sabe onde é?

— Acho que sim, alteza.

— Acorde o cocheiro e diga-lhe para vir aqui imediatamente buscar lady Christine Dalton e levá-la para casa.

— Sim, alteza.

O duque continuou:

— Quando a carruagem chegar, procure a governanta e peça-lhe para ajudar lady Christine a descer e pegar a carruagem.

Vendo o ar espantado do criado, acrescentou:

— Explique-lhe que lady Christine não está se sentindo bem e que está deitada enquanto espera a carruagem. Entendeu?

— Entendi, alteza.

— Então faça exatamente o que eu lhe disse e tente não cometer nenhum erro.

— Farei o possível, alteza.

— Ótimo!

O duque já estava do lado de fora, quando Henry perguntou:

— Vossa alteza não quer a carruagem?

— Não. Eu vou aqui perto.

Foi andando rapidamente para chegar à casa de Gerald Chertson em Half-Moon Street, onde um porteiro sonolento lhe abriu a porta.

O duque subiu as escadas estreitas até o segundo andar, onde Gerald alugara dois quartos pequenos, um para ele e outro para o seu empregado.

Gerald demorou um pouco a abrir. Depois apareceu em camisola, olhando surpreendido para o duque.

— Dave! O que está fazendo aqui a esta hora?

O duque entrou no quarto. Havia apenas uma vela que Gerald devia ter acendido quando ouviu baterem na porta. Em poucas palavras, explicou o que acontecera.

— Então foi por isso que lady Christine saiu mais cedo! — exclamou Gerald. — E nós pensávamos que ela tinha ido com alguém!

O duque não fez comentários.

— Sabe o que isso significa Dave? Amanhã ela vai dizer ao pai que passou a noite em sua companhia e o duque de Melchester vai querer que

você se case com ela.

— E aí que você se engana — respondeu o duque tranquilamente. — Mande um dos meus criados a Melchester House buscar a carruagem dela para levá-la para casa. Recomendei-lhe que acordasse a minha governanta e explicasse que Christine estava passando mal. Gerald olhou para ele, atônito.

— E você acha que ela sairá sem levantar problemas?

— Não há outro remédio.

— E onde é que você fica nessa história toda?

— Eu ficarei com você na festa mais importante que está havendo esta noite em Londres.

Gerald ficou olhando para ele, como se estivesse destituído de qualquer raciocínio.

— Vamos, Gerald! Você não pode ser idiota a ponto de não perceber que eu preciso ser visto dançando até de madrugada. Assim Christine não poderá dizer que passamos a noite nos braços um do outro.

Gerald deu um grito que ecoou no quarto todo.

— Dave, você é um gênio! Já o vi sair de muitas, mas desta maneira tão inteligente, é a primeira vez!

Saltou da cama e foi remexer nos convites que estavam em cima da lareira.

Pegou um monte deles e atirou-os para o duque.

— Escolha o melhor, enquanto eu me visto.

O duque examinou um por um. O major Gerald Chertson tinha sido convidado para seis festas nessa noite. Mas, de longe a mais importante era a que a condessa de Jersey estava dando.

Ela despontara na alta sociedade quando capturou o coração vacilante do príncipe de Gales e se livrou da Sra. Fitzherbert, que todos pensavam ser a esposa secreta dele.

Marie Fitzherbert, por mais que adorasse o príncipe, se conformara com a realidade: ele gostava demais de mulheres para se prender a uma só! Embora ficasse muitas vezes exasperada pelo egoísmo dele, ela sempre perdoara seus romances do passado. Mas ficara triste e enciumada quando percebera que ele se apaixonara pela condessa de Jersey.

Mãe de dois filhos e sete filhas, algumas das quais já lhe tinham dado netos, a condessa era nove anos mais velha que o príncipe. Uma mulher de muita classe e inegável beleza. Segundo os comentários, ela possuía um

fascínio irresistível.

O romance do príncipe com a condessa durara alguns anos e ela aproveitara ao máximo essa ligação para se firmar na sociedade.

O instinto de autopreservação do duque lhe dizia que estar ao lado da condessa seria um álibi muito difícil de Christine destruir.

Nesse momento, Gerald Chertson voltou para o quarto, completamente vestido. O duque esperava por ele com o convite na mão.

— É para lá que nós estamos indo!

— Ouvir e obedecer — brincou Gerald e os dois correram pela escada abaixo.

— Você veio na sua carruagem? — perguntou Gerald assim que chegaram na porta da rua.

— Não, temos que apanhar uma de aluguel — respondeu o duque.

Felizmente, passava uma dirigindo-se a Piccadilly. Gerald fez sinal e os dois se instalaram lado a lado.

— Estou contando com você para me apresentar — disse o duque. — Acho que não vejo a condessa há oito ou nove anos.

— Ela vai recebê-lo de braços abertos. Não só porque ainda não envelheceu o suficiente para deixar de apreciar um bonito homem, mas principalmente porque agora você é um duque. Ela vai adorar apresentá-lo à sociedade, como se você fosse uma tímida debutante — retorquiu Gerald.

— É o que eu previa — respondeu o duque tranquilamente. Gerald deu uma boa gargalhada.

— Mal posso acreditar que isso está mesmo acontecendo! Só você Dave! Sempre com crise na vida, ou uma surpresa que ninguém espera.

— Estava pensando que íamos ter uma noite tranquila. Só queria ver a cara de Christine quando a sua governanta acordá-la dizendo que a carruagem de seu pai está esperando para levá-la para casa! — continuou, rindo ainda.

— Eu prefiro nem pensar nisso.

— Anote o que estou dizendo, ela não vai desistir. Vai arregaçar as mangas, mais determinada ainda a usar a coroa dos Harlington.

— Então vai ter uma desilusão! — afirmou o duque taciturno. Quando chegaram em casa do conde de Jersey, ainda não eram duas da manhã e o salão de baile estava repleto.

A condessa, resplandecente e ainda muito bonita, apesar da idade,

recebeu Gerald Chertson entusiasticamente.

— Finalmente você chegou, tenho estado a festa inteira ansiosa esperando você!

Gerald beijou-lhe a mão.

— Desculpe chegar atrasado. Mas precisei levar meu amigo Dave Harlington, que acaba de voltar para Londres, a ver algumas coisas que ele estava com saudades, depois de tanto tempo na França.

A condessa estendeu a mão ao duque, com um prazer sincero.

— Não sabia que estava na Inglaterra. Senão, já teria lhe mandado uma dúzia de convites!

— Depois de Sua Alteza Real, a senhora é a primeira pessoa que visito — afirmou o duque.

A condessa ficou encantada.

Em poucos minutos, ela já o apresentara a uma dúzia de pessoas, fazendo-lhe muitos elogios.

Deixou bem claro que enquanto ele esteve fora, ela se manteve informada da sua nova e importante posição na sociedade.

O duque já conversara com bastante gente e dançara duas vezes com a sua anfitriã, quando ela o convidou para cear.

Na mesa, presidida pela condessa, a conversa corria animada e interessante, regada por um excelente champanhe.

Já amanhecia, quando ele e Gerald se prepararam para sair. Chamando a condessa para um lado, o duque falou:

— Só a senhora me poderá ajudar — disse, simplesmente.

— De que maneira? — perguntou a condessa, cheia de curiosidade.

Em poucas palavras, contou a doença do seu antecessor e como exigiu que a filha cuidasse dele, proibindo-a de ver o resto da família e os amigos, e como convenceu-a de que estavam sem vintém.

O duque não entrou em outros detalhes sobre o estado da propriedade, tentando apenas despertar na condessa alguma simpatia por Alvina.

— O que acha que devo fazer por ela? — perguntou o duque, quando acabou de contar a história.

— Sem dúvida nenhuma é um problema, mas tem solução — afirmou a condessa. — Penso que como chefe da família é você quem a sustenta agora, não?

– Claro! Mas ela precisa de alguém que a introduza na sociedade e que a leve aos melhores costureiros.

A condessa sorriu.

– Não há problema nenhum. Que mulher resistiria à idéia de encomendar um enxoval completo de roupas novas, mesmo que seja para outra pessoa?

– Então vai me ajudar a encontrar a pessoa certa?

– Primeiro, traga-a para ficar comigo. Depois que a tiver vestido e feito as primeiras apresentações, encontrarei uma pessoa adequada para levar avante esse trabalho.

– Não sei como lhe agradecer – exclamou o duque. – Mas não quero abusar da sua boa vontade.

– Eu fico esperando os agradecimentos.

– Quais deverão ser?

– Que você venha às festas e me deixe encontrar uma esposa que realce a sua mesa e os diamantes dos Harlington.

O duque deu uma risada.

– Existe alguma mulher, incluindo Vossa Senhoria, que resista a desempenhar o papel de cupido?

Depois acrescentou num tom mais sério:

– Farei tudo o que me pedir, menos deixar que me empurre para o altar. Antes quero gozar umas férias merecidas e bem prolongadas! Wellington foi um chefe duro nestes últimos três anos. Receio que uma esposa seja pior ainda.

– Vou descobrir para você alguém doce, gentil e meiga – prometeu a condessa.

– Duvido que essa maravilha exista, mas, entretanto, deixe que eu goze a minha independência. Eu mereço.

A condessa olhou as condecorações que brilhavam no peito dele, e balançou a cabeça, aprovando:

– Suponho que sim. Mas, meu caro rapaz, você é atraente e bonito demais para não ter todas as mulheres de Londres tentando lançar-lhe as garras!

O duque se lembrou de que era exatamente o que Christine estava tentando fazer.

– Parece até uma coisa agradável, depois de ter sido o alvo dos

franceses durante tanto tempo!

— Agora você está mais propenso a morrer de beijos — comentou a condessa. — Está aqui uma pessoa que particularmente eu gostaria que você conhecesse.

Fez um sinal a uma beldade que acabava de entrar na sala de jantar e que ocorreu prontamente, sendo apresentada ao duque. A condessa insistiu que dançassem juntos a última valsa.

Quando terminou a música, o duque já fizera mais uma conquista. Prometeu procurá-la na tarde seguinte.

— Estarei esperando por Vossa Alteza — disse ela suavemente, quando se despediram.

O duque e Gerald saíram juntos e agora já começavam a despontar os primeiros raios de sol. Decidiram ir a pé até em casa.

— Estou precisando apanhar um pouco de ar fresco — disse o duque.

— Você se comportou admiravelmente — elogiou Gerald. — A nossa anfitriã estava toda entusiasmada com você. Ela garantiu que vai cuidar de sua prima. Foi um lance inteligente da sua parte.

— Também achei — concordou o duque. — Alvina certamente entrará na sociedade com o pé direito.

— Se bem conheço a condessa, ela vai casar a moça e tirá-la de suas mãos em poucos meses.

Como o duque não respondesse, Gerald olhou para ele e reparou o semblante carregado.

— Não há necessidade de tanta pressa — afirmou o duque.

Não percebia por que a idéia de casamento para si mesmo e para Alvina o deixava tão irritado.

Tinha feito as coisas se encaminharem e agora se arrependia.

Talvez tivesse sido melhor deixar tudo como estava por mais algum tempo.

O duque acordou mais tarde do que pretendia. Seu criado, sabendo que ele fora dormir muito tarde, não o despertou.

Quando chegara em casa, o seu quarto estava arrumado e em ordem. Era muito difícil imaginar que Christine estivera ali dentro, deitada, e, nua, usando apenas aquele colar de esmeraldas.

Enquanto se despia, imaginava como seus ancestrais deveriam ficar chocados com seu comportamento. Sorriu perante a idéia.

De certa maneira, pelo menos por enquanto, estava salvo.

Christine fora muito esperta, arranjando uma situação da qual ele só poderia sair casando-se com ela.

O duque de Melchester era um aristocrata altamente respeitado e um cavalheiro da escola antiga para exigir um desfecho justo para aquela noite a dois.

Certamente iria querer reparar a honra da filha e não existia outro meio para ele senão obedecer as regras que a sociedade impunha.

— Estou salvo! — pensou, fechando os olhos. “Mas até quando?”, perguntou uma voz dentro dele.

Como Gerald previra, a entrevista com seu primo Jason, às onze da manhã, foi extremamente desagradável.

Ele chegou afetado demais para o gosto do duque.

Se havia coisa que ele e o duque de Wellington detestavam eram os almofadinhas que usavam gravatas espalhafatosas, ombros alteados demais, casacos muito apertados na cintura e calças coladas ao corpo.

O colarinho de Jason subia para além do queixo e a gravata parecia impedi-lo de respirar. Sua figura era grotesca.

Usava um lenço bordado, perfumado demais, que levava delicadamente ao nariz.

Mas o duque reparou que a expressão de seus olhos era dura e avarenta.

Jason era cinco anos mais velho que o primo e devia estar ansioso para garantir um futuro confortável e financeiramente muito melhor do que o presente.

O duque não entendia porque Jason não tentou encontrar uma esposa rica.

Mas também, nenhuma mulher decente ia querer casar com ele. Jason era muito esnobe, orgulhoso demais de ser um Harling. Provavelmente não queria casar com a filha de algum mercador rico, que o aceitasse.

Preferia pedir dinheiro emprestado aos amigos, jogar e amontoar dívidas que naquele momento, não tinha a menor possibilidade de pagar sem a ajuda da família.

O duque tinha consciência que Jason devia estar imaginando quanto conseguiria extrair dele, chantageando-o com a ameaça de um escândalo e de uma publicidade desastrosa.

Friamente, o duque ofereceu uma bebida a Jason, que aceitou.

Depois, ambos se sentaram, encarando-se mutuamente, cada um esperando que o outro atacasse primeiro.

O duque resolveu tomar a iniciativa.

— Sei por que queria me ver, Jason. Já me contaram que você está cheio de dívidas e acho melhor que seja franco e me diga exatamente qual é o montante.

Jason falou numa soma astronômica, que quase fez o duque perder a compostura. Mas ele estava habituado a manter o autocontrole e seu rosto permaneceu impassível.

— É esse o total? — perguntou, secamente.

— Que me lembre, é — respondeu Jason. Fez-se silêncio e Jason continuou:

— Para você está tudo ótimo, Dave, herdou uma fortuna sem ter que mexer um dedo para isso. Mas admita que é uma sorte fora do comum. Como chefe da família você devia ajudar os que não nasceram com a mesma boa estrela que você.

Falava cada palavra, sem esconder o sarcasmo.

— Admito que tenho tido muita sorte, Jason, e estou disposto a fazer duas coisas.

— Quais são?

— A primeira é pagar as suas dívidas atuais e a segunda é garantir-lhe daqui em diante um rendimento de mil libras por ano.

Os olhos de Jason Harling se iluminaram ao ouvir que suas dívidas seriam pagas. Mas mesmo assim, apressou-se a regatear:

— Duas mil!

— Mil! — afirmou o duque, friamente. — E com uma condição.

Agora a expressão de Jason era francamente hostil.

— Que você vá para o estrangeiro e não volte à Inglaterra pelo menos durante cinco anos.

Jason ficou olhando para ele, sem acreditar no que ouvia.

— Você está falando sério?

— Muito sério — afirmou o duque. — E se você não concordar, o acordo está desfeito.

Jason levantou-se, subitamente.

— Não acredito!

— Então pode tratar de pagar as suas contas e eu não vou mover uma palha para ajudar você!

— Eu nunca ouvi nada tão diabólico! — gritou Jason, furioso.

— Na verdade, acho que estou sendo extremamente generoso. As dívidas que contraiu são exorbitantes e não me surpreenderia nem um pouco se você acabasse numa galera. Mas como já houve outros casos na família, era melhor que a situação não voltasse a acontecer.

— Em outras palavras, você pretende gastar o dinheiro sozinho — acusou Jason despeitadamente.

— Não é verdade, mas também não estou disposto a discutir o assunto. Quando você visitou o castelo há algum tempo, deve ter percebido que vou gastar rios de dinheiro com a propriedade. Vamos ter que abrir as escolas, e os orfanatos têm que ser reparados ou até reconstruídos.

Fez uma pausa e continuou, mais devagar:

— E mais importante ainda, os arrendatários vão precisar de financiamentos para que suas terras voltem a ser o que eram há dez anos atrás.

Percebeu que nada daquilo tinha importância para Jason, que pensava apenas em si mesmo.

— Não quero viver no estrangeiro - disse como se fosse uma criança.

— Você vai se sentir em casa em Paris ou em outra cidade da França — respondeu o duque. — E para ser franco, Jason, eu quero você fora do país e da vista de todo mundo, quando a nossa prima Alvina fizer o seu *debut*.

— Não estou nem um pouco interessado na prima Alvina, mas sim com a minha vida. E eu quero morar na Inglaterra.

— Então, espero que encontre meios para isso — disse o duque, levantando-se.

Jason olhou para ele, sabendo que estava num beco sem saída. Houve um silêncio prolongado, antes que ele dissesse, furioso:

— Maldito seja! Não tenho outra alternativa, senão fazer o que você quer, não é?

— Exatamente.

— Muito bem!

Jason tirou do casaco uma pilha de contas.

— Aqui tem! — disse atirando-as em cima da mesa. — Quanto mais cedo forem pagas, melhor. De outra forma você vai ter o desprazer de me

tirar de uma cela!

O duque pensou que seria muito melhor se o pudesse trancafiar de uma vez.

– Vou mandar a primeira parcela de sua anuidade para a filial do banco Coutt, em Paris, a não ser que você prefira outra cidade.

Também vou dar ordem para que o cheque não seja pago, se não for descontá-lo pessoalmente. Jason ficou um momento em silêncio, mas o duque reparou que tinha os punhos cerrados, como se estivesse com vontade de lhe bater.

Depois limitou-se apenas a dizer num tom cheio de veneno:

– Muito bem, primo Dave, neste momento você ganhou! Mas nunca se esqueça que o vitorioso de hoje, muitas vezes é o perdedor de amanhã!

Dirigiu-se para a porta e de lá olhou para trás. O duque nunca vira tanto ódio no rosto de uma pessoa.

CAPÍTULO VI

Alvina voltava para o castelo, feliz, depois do seu passeio a cavalo.

Era emocionante contratar empregados para o castelo, homens para trabalhar nos jardins e garantir para os aposentados o conserto de suas casas e o aumento das pensões.

Como as notícias se espalham com o vento, os habitantes da vila a essa altura já sabiam o que estava acontecendo. O entusiasmo se espalhava por todos os 2000 acres que o duque possuía em volta do castelo.

Também nas outras propriedades do duque, as pessoas estavam sabendo das mudanças. Os antigos empregados que haviam sido despedidos, eram admitidos de novo.

“É tão maravilhoso!”, disse Alvina, para si mesma.

Os anos em que seu pai vivia dizendo que estava sem dinheiro foram um verdadeiro pesadelo, do qual, finalmente, tinha acordado.

Há cinco dias que o duque fora embora, mas o tempo parecia voar e Alvina não se sentia sozinha.

Tinha tanta gente para ver e falar e tanta coisa a fazer... A solidão agora fazia parte do passado.

Embora não estivesse fisicamente presente, o duque parecia estar sempre a seu lado. Era impossível deixar de pensar nele o dia todo. Não podia esquecer que sem ele tudo seria diferente.

Alvina tivera uma prova da gentileza do duque, nessa mesma manhã, depois do café. Pela primeira vez em muitos anos, havia três pratos diferentes a sua escolha.

Interrompeu os pensamentos, vendo uma carruagem que chegara de longe.

Inicialmente pensou, toda contente, que o duque voltara.

Mas não era ele e sim várias caixas enormes.

— São para a senhora — disse um jovem criado, que estava sendo treinado por Walton.

Alvina foi até ao vestíbulo, cheia de curiosidade.

— Para mim? — exclamou.

Viu o seu nome pintado nas caixas, sem fazer a mínima idéia do que

havia ali dentro.

O criado levou-as para seu quarto.

Com a ajuda de Emma, que parecia ter levado uma injeção de vida nova, Alvina abriu as caixas. Eram vestidos que nunca sonhara possuir um dia.

No total, haviam quatro vestidos, dois para dia e dois para noite. A terceira caixa continha um elegante traje de montar, que parecia ter saído do último figurino.

Ainda não pudera ver tudo, quando a Sra. Johnson e a Sra. Walton acompanhadas de cinco novas empregadas irromperam no quarto.

Mostrou os presentes às empregadas, enquanto experimentava a roupa de montar.

— É assim que deve estar sempre, senhora! — exclamou a Sra. Walton. — Agora sabemos que os velhos tempos estão de volta e nós todos vamos ser felizes novamente.

Alvina sentiu os olhos se encherem de lágrimas, ao ouvir aquelas palavras. Num impulso, abaixou-se para beijar a Sra. Walton, dizendo:

— Faço questão de compartilhar esta nova alegria. Tem sido maravilhosa para mim, nestes últimos anos...

Quase acrescentou "... em que papai enlouqueceu".

Mas se conteve a tempo, achando que seria uma deslealdade de sua parte, embora soubesse que elas pensavam o mesmo. Todos sabiam que a mente do pai enfraquecera, depois da morte de Richard.

Na véspera, haviam chegado dois cavalos de Londres. Para Alvina foi uma emoção tão grande quanto a que sentiu depois com os vestidos novos.

Percebeu imediatamente que um dos animais fora escolhido especialmente para ela. Era o tipo de cavalo que qualquer moça desejaria montar.

O outro era um garanhão imponente. O duque devia ficar magnífico, montado nele. Estava morrendo de vontade que ele voltasse para passearem juntos.

Na noite anterior, quando tinha ido deitar, disse a si mesma que precisava ter paciência. Mesmo que ele demorasse a vir. Devia ter muitas coisas para tratar em Londres, muita gente desejosa de revê-lo e lhe dar as boas-vindas.

Apesar de ter vivido sempre uma vida tranqüila, e de saber muito

pouco sobre os homens, não era tão idiota que não entendesse que o duque era muito atraente. Sua presença devia ser muito requisitada especialmente pelas senhoras.

— Assim que tiver tudo arrumado em Harlington House, talvez ele ache que a vida em Londres tem muito mais interesse que a vida aqui — murmurou desolada.

Ainda iria levar um certo tempo até que as pessoas do ducado se habituassem à idéia de que ele, ao contrário do duque anterior, iria abrir as portas do castelo para receber os amigos. Talvez ele preferisse mesmo ficar em Londres. Ficou imaginando como seria o duque em meio àquelas mulheres lindas de Carlton House, que o introduziriam na mais distinta e sofisticada sociedade da Europa.

Sabia muito pouco da vida social de Londres, a não ser pelo que lia sobre a corte nos jornais, ou pelo que ouvia na vila.

E aquela vila era uma mina de informações.

A maioria dos habitantes tinham filhos e filhas que algum dia foram para Londres, trabalhar em Harlington House.

Alguns, depois de despedidos pelo duque, felizmente encontraram emprego em casa de outros aristocratas. Assim seus pais se mantinham sempre informados do que acontecia em Londres e cada carta ou cada novidade era espalhada pela vila no instante seguinte.

Alvina sabia que o povo não gostava de lady Hertford, por ela ser a última conquista do príncipe regente.

Ao longo dos anos, também soubera dos romances de lorde Byron e de outros nobres, muitos dos quais eram um verdadeiro escândalo.

Sabia que não era certo dar ouvidos a essas coisas e muito menos ter familiaridades com pessoas de outra condição social. Mas o fato era que Alvina não tinha mais ninguém com quem conversar.

Não podia se recusar a ouvir o que a sobrinha da Sra. Walton escrevera sobre as andanças dos jovens elegantes, filhos dos seus patrões.

Apesar de se divertir com os mexericos, procurava não lhes dar importância.

Agora, imaginava o duque nas festas e recepções, rodeado de mulheres bonitas. Para ele devia ser uma maravilha depois de tantos anos de guerra.

“Talvez nunca mais volte ao castelo”, pensou desanimada, mas logo

em seguida se censurou por estar sendo negativa.

O fato de ele ter mandado aqueles vestidos tão bonitos significava que ela iria vê-lo em breve.

Na véspera, ficara acordada até tarde, fazendo uma lista de todas as pessoas que o duque talvez quisesse convidar para o baile que pretendia dar.

Fora um dia cheio de trabalho. Supervisionara os novos empregados que estavam limpando o salão de baile, e não descuidara das outras tarefas.

Fora muito trabalhoso lavar todas aquelas paredes, mas quando acabaram, a pintura parecia nova. Os dourados do teto brilhavam como se fossem recém-pintados.

Os quadros também foram limpos. Não ficaram nem vestígios do pó que estava entranhado nas molduras.

O chão é que era pior. Alvina achava que ainda ia demorar muito tempo para brilhar como antigamente.

Os empregados, de joelhos, enceravam seguindo as ordens de Alvina. Estavam usando pantufas de camurça por cima dos sapatos para não manchar o chão ao andar. O piso de madeira começou a brilhar mais do que há vinte anos atrás.

“O duque vai ficar satisfeito ao ver tudo isso”, disse para si mesma.

Entrou em casa, sorrindo para dois empregados impecavelmente uniformizados.

— Fez um passeio agradável, senhora? — perguntou um deles.

— Sim, muito obrigada.

Subiu as escadas, pensando se o duque estaria de acordo em comprar uma passadeira nova. Teria que lhe falar no assunto, assim que chegasse.

Ia se dirigindo para o quarto quando viu, surpreendida que havia um homem no fundo do corredor.

Estava do lado de fora dos aposentos principais. Primeiro pensou que fosse o duque que voltara sem avisar

Depois viu que não era ele, nem qualquer um dos empregados.

Curiosa, aproximou-se do homem e intrigada com o fato de não ter sido avisada de que havia alguém estranho em casa.

O corredor era longo e mesmo de dia, havia pouca luz.

Entretanto, Alvina não precisou andar muito para perceber quem era.

Aqueles ombros exageradamente quadrados, a gravata alta e espalhafatosa, só podiam pertencer a uma pessoa.

Estava bem perto do intruso, que sem dar por sua presença examinava os quadros dos dois lados do corredor e exclamou:

– Primo Jason! Ninguém me avisou que tinha chegado!

– Vi você andando a cavalo pelo parque – respondeu Jason Harling. – Não vi razão para incomodá-la.

– Eu não sabia que você vinha, senão estaria em casa para recebê-lo.

– Não precisamos fazer cerimônia um com o outro. Sendo um Harling, sinto-me em casa no castelo, como você, evidentemente.

Alvina sentiu que estava sendo ofensivo, embora não tivesse dito nenhuma palavra grosseira.

– Quer tomar uma xícara de chá ou um refresco? – perguntou Alvina, fazendo um esforço por parecer amável.

– Que gentileza da sua parte! – respondeu ele, sarcasticamente.

Alvina voltou para as escadas, pensando o que Jason estaria fazendo dentro de casa e se teria entrado nos aposentos do duque.

Pressentia que sim.

Desceram as escadas em silêncio, e quando chegaram ao vestíbulo, ela perguntou:

– O que prefere, primo Jason? Chá? Ou talvez um copo de vinho...?

Ainda não acabara de falar e Walton apareceu. Jason, sem esperar que fosse ela a mandar, ordenou autoritariamente:

– Leve uma garrafa de champanhe para a biblioteca. Alvina e Walton, olharam para ele, admirados. Walton respondeu imediatamente:

– Sim, Sr. Jason, e deseja comer alguma coisa?

– Não, só o champanhe – respondeu Jason, indo para a biblioteca.

Decidida a não demonstrar o seu espanto, perante o comportamento dele, Alvina disse:

– Se preferir, o salão está aberto.

– Estou muito bem aqui. Você sabe que qualquer museu na Europa daria uma fortuna pelo fólio de Shakespeare e pela primeira edição dos *Contos de Canterbury* que nós possuímos?

Acentuou bem a palavra “nós” e Alvina apressou-se a responder:

– Também suponho que saiba muito bem, primo Jason, que o conteúdo do castelo pertence ao duque reinante, enquanto ele viver.

– Você falou certo: enquanto ele viver.

Perante aquela frase demoníaca, Alvina sentiu-se na obrigação de se

afastar de Jason Harling. Era uma sensação muito desagradável e achou que a sentia simplesmente por não gostar dele.

Depois, reparando melhor na expressão dele, Alvina encolheu-se. Jason parecia uma cobra, pronta para dar o bote.

Bem à vontade ele se jogou numa das poltronas junto da lareira, controlando a inveja que sentia.

— Bem, prima Alvina, não resta dúvida que você está cheia de sorte. Parabéns pela sua nova roupa de montar. Sua aparência melhorou bastante, desde a última vez que estive aqui!

Alvina apenas inclinou a cabeça agradecendo, mas sabia que ele estava sendo irônico.

— Salões abertos, cavalos nas cocheiras, empregados no vestíbulo! O novo duque anda esbanjando dinheiro! — continuou Jason.

— Vim me despedir de você e do castelo, que é o berço dos Harling, aos quais naturalmente eu também pertenço.

— Despedir?

— Então o meu querido primo, o duque reinante, o galante general de centenas de campanhas, não lhe disse os planos que tinha a meu respeito?

O tom era tão mordaz que parecia gelar todo o ar que existia no ambiente. Pouco depois, Alvina balbuciou:

— O primo Dave ainda... não voltou de... Londres.

— É evidente! Ele está se divertindo, afinal é o mais novo sucesso da temporada. O queridinho da condessa de Jersey e sem dúvida nenhuma o amante fervoroso das belezas.

— Primo Jason, creio que não deve falar dessa maneira na minha frente! — censurou Alvina, crispando as mãos para se controlar.

— Choquei você? Ora, você logo vai se habituar a ficar chocada com o nosso estimado primo. Ele abandonou lady Christine e ela garante que ele lhe prometera casamento. Se o pai dela não lhe der um corretivo, o marido da sua atual paixão, certamente o fará!

Alvina levantou-se.

— Não desejo continuar ouvindo semelhantes mexericos e assim que acabar de beber é melhor você ir embora, primo Jason.

Jason desatou a rir.

— Você está me mandando embora? E com que direito? Felizmente, Walton entrou com um empregado, trazendo o champanhe.

Alvina esperou que servissem Jason e saíssem da sala. Não queria discutir em frente dos empregados.

— Você disse que tinha vindo aqui para se despedir. Isso significa que está deixando a Inglaterra?

— Então você sabe!

— Sabe, o quê? — perguntou Alvina sem entender.

— Que o nosso primo, o novo duque, me exilou do país, dos amigos e da família.

Diante da surpresa de Alvina, ele exclamou:

— Oh, sim, prima Alvina, não sabia? Pois foi isso mesmo que ele fez. Expulsou-me. Se eu não fizer o que ele quer, vai me deixar ser preso e garantiu que não levantará um dedo sequer para me ajudar.

— Não acredito! — exclamou Alvina.

— É verdade! Pode lhe perguntar quando o vir. Mas pode ter a certeza que vou me vingar, e que a minha vingança não será das mais agradáveis!

— Não sei do que está falando.

Jason foi encher a taça, de novo.

— Através da história, tem havido alguns Harling que conseguiram sobreviver à vingança dos reis e dos inimigos, mas neste caso, não. Dave Harling não vai sobreviver à minha maldição: que morra devagar e em agonia!

Alvina deixou escapar um grito.

— Não... fale... assim! Como pode dizer... uma coisa tão maldosa?

— Digo, porque vai acontecer — afirmou Jason lentamente. Levantou a taça de champanhe, brindando:

— Ao futuro e ao momento em que se ouvir: “O duque está morto! Viva o duque!”

Bebeu o líquido de uma só vez e sem dizer mais nada, saiu da biblioteca, deixando Alvina estarrecida.

Não conseguia se mexer, aturdida com aquelas palavras demoníacas. Tinha a sensação de estar contaminada por algo nojento e viscoso.

Tentou se convencer de que Jason estava louco, louco como seu pai havia ficado. Não ia ter medo dele.

Assim que chegou na porta, ouviu o barulho de rodas lá fora. Ele partira.

Saiu a tempo de vê-lo cruzar a ponte sobre o lago, num elegante

faetonte, puxado por quatro cavalos, a galope.

Levantava imensa poeira atrás de si e Alvina pensou que ele dirigia uma carruagem maldita.

“Como pode odiar tanto o primo Dave?” perguntou a si mesma, e teve medo da resposta.

Duas horas depois, Alvina mudara de roupa e estava arranjando as flores no salão, quando ouviu vozes no vestíbulo.

Mal teve tempo de se livrar das flores e se virar para a porta. O duque acabava de entrar.

Ao vê-lo, Alvina deu um grito de alegria e correu ao seu encontro.

– Você voltou! Que maravilha! Eu... estava... morrendo de saudades.

– Desculpe se me demorei, mas tive muito que fazer em Londres.

– Eu já calculava, mas você tem tanta coisa para ver aqui! Ah, os cavalos já chegaram!

– Achei que você ia gostar. Amanhã, devem chegar mais alguns e espero que na próxima semana também.

– Nós temos trabalhado duro, consertando as cocheiras. Sei que vai ficar satisfeito... e também quero mostrar o salão de baile. E os carpinteiros e pintores já começaram a trabalhar nas casas do pessoal.

Falava rapidamente e sem parar. Estava ansiosa para lhe contar o que estava sendo feito.

Lembrando-se de repente que o duque acabara de chegar de viagem, ela disse:

– Mas você deve estar com sede! Walton já deve estar trazendo alguma coisa para beber.

Nesse momento, Walton entrou. Sentindo um aperto na garganta, Alvina lembrou que devia contar ao duque da inesperada visita de Jason.

“Depois eu digo”, pensou, querendo adiar o mais tempo possível aquela notícia desagradável.

Quando o duque estava bebendo a sua taça de champanhe, Alvina reparou que ele a observava, com uma expressão divertida no olhar.

Como se lembrasse de algo muito importante, ela falou:

– Acho que primeiro... devia ter agradecido os vestidos maravilhosos que você me mandou. Quase não conseguia acreditar que eram meus! Fico completamente diferente com eles!

– Você está encantadora com esse que está usando agora — disse o

duque na sua voz calma, evitando deixá-la inibida.

— Como é que você conseguiu descobrir os vestidos que eu gostava?

— O mérito não foi só meu — confessou o duque. — Na verdade, foram escolhidos por uma das senhoras mais importantes da sociedade, que generosamente se ofereceu para apresentar você e torná-la um sucesso, assim que pisar em Londres.

O duque contou aquilo todo satisfeito e não percebeu que Alvina tinha ficado tensa.

— De quem... você... está falando? — balbuciou ela.

— Da condessa de Jersey — respondeu o duque. — Você pode não ter ouvido falar nela, mas é uma das líderes da sociedade londrina e creio que ninguém melhor do que ela, para apresentar você às pessoas que deve conhecer.

Fez-se silêncio, depois Alvina falou:

— Eu... eu pensei... que a condessa de Jersey em certa época... tinha sido... muito íntima do príncipe regente.

O duque olhou para ela, espantado.

Vivendo uma vida tão tranquila no campo, não era natural que Alvina soubesse do escândalo e dos mexericos que envolveram a condessa.

Tudo aquilo acontecera há tanto tempo que não iria manchar a reputação de nenhuma moça que ela resolvesse ajudar.

Por outro lado, viu como Alvina era simples e inocente.

Talvez fosse um erro lançá-la no centro de uma sociedade cheia de intrigas, escândalos e mulheres sedutoras como Christine e aquela criatura sofisticada com quem dançara na véspera.

Foi até a janela, admirar o jardim. Até então, não havia considerado o problema sob aquele ângulo.

Realmente não estava certo de não ter cometido um engano com os arranjos que fizera.

Mesmo que Alvina não ficasse chocada com o que iria descobrir na sociedade, o simples contato com aquilo tudo podia vir a influenciá-la negativamente.

Estava tão habituado a conviver com mulheres que preenchiam a vida com romances e acreditavam que a fidelidade aos maridos estava fora de moda... Nunca atentara para o fato de que Alvina era uma pessoa completamente diferente.

Só agora percebia que estava tratando com uma moça muito jovem, pura e inocente, que ficara chocada em saber do envolvimento da condessa com o príncipe.

Sabendo que Alvina estava esperando alguma explicação, voltou-se para ela.

— Quando combinei tudo com a condessa, acreditei estar fazendo o que era melhor para você, uma vez que ela é das senhoras mais importantes da nossa sociedade.

— Estive... pensando... na sua sugestão... que eu devia ir para Londres. Não quero parecer ingrata mas se fosse possível... eu preferia muito mais ficar aqui.

— Penso que seria melhor você estender os seus horizontes.

— Eu entendo e sei que vai me achar uma tola... mas tudo seria diferente se mamãe estivesse comigo. Ou mesmo se eu tivesse um pai em quem pudesse confiar e que me impedisse de cometer algum erro.

Fez um gesto patético com as mãos.

Enquanto ela falava, o duque se lembrou das conversas na festa da condessa de Jersey.

Tudo tinha um duplo sentido que, embora ele achasse muito divertido, não era para ser ouvido por uma jovem como Alvina.

Pela sua cabeça foi passando a expressão do olhar de lady Christine, que se repetia nos olhos de uma dúzia de mulheres com quem tinha dançado ou conversado.

Em Paris, ele se habituara àquilo tudo. Sempre que aparecia, as mulheres se comportavam da mesma maneira.

Mas Alvina era diferente.

Não lhe saía da cabeça a alegria espontânea com que ela o recebera, e a felicidade estampada em seu olhar, só porque ele estava de volta.

Era assim como um raio de sol, como a frescura do ar ou a simplicidade das flores que enfeitavam o jardim.

Ela era a juventude, a primavera. Era tão pura como a água prateada do lago.

Com a sensação de estar prestes a cometer um crime, o duque se defendeu:

— Realmente pensei que estava fazendo o melhor por você!

— Você é gentil, muito gentil e sabe que farei tudo o que me pedir...

Mas eu pertenço a este lugar e em Londres não deve haver nada que possa suplantá-la a maravilha de estar aqui, neste castelo que adoro.

Sua voz estremeceu, como se já a tivesse tirado de lá. — Será que podemos falar neste assunto depois? Quero ver todos os melhoramentos que você andou fazendo, principalmente o salão de baile. Radiante, Alvina estendeu-lhe a mão.

— Vamos ver primeiro o salão de baile. Vai ter uma surpresa. Todos trabalharam muito para que você ficasse satisfeito.

O duque deu-lhe a mão e nesse momento pensou no que poderia fazer por ela.

Uma coisa era mais importante do que tudo: sua inocência devia ser protegida.

Alvina desceu para o jantar com um dos vestidos novos, que a fazia se sentir uma princesa de contos de fadas. Era em gaze branca e tinha uma grinalda de flores na barra e à volta do decote que deixavam seus ombros a descoberto, realçando a brancura de sua pele e o seu longo pescoço de cisne.

O duque deitou-lhe um olhar apreciativo. Assim, estaria pronta para aparecer em qualquer salão de baile em Londres. Seria aclamada como uma beldade.

Após tê-la examinado com seu olhar experiente, o duque confirmou a opinião que já tinha de Alvina. Ela era totalmente diferente de todas as mulheres que conhecera. Tinha uma espiritualidade que as outras não possuíam.

Não sabia descrever o que era, mas sentia que fazia parte do mesmo sentimento que ele nutria pelo castelo, quando era menino.

Nesse tempo, sonhava que era um cavaleiro e que o castelo era habitado por outros cavaleiros. Alvina podia muito bem ter sido uma das damas, possuídas pelos mesmos ideais de honra.

Era esse ideal que motivava os cavaleiros, preparados para declarar guerra à desonra e ao mal. Suas damas possuíam os mesmos padrões de dignidade.

Durante o jantar, a luz das velas iluminava o rosto de Alvina, tornando-a ainda mais linda. Uma beleza que ultrapassava o físico.

Após a guerra o duque tinha se acostumado à idéia que as mulheres serviam apenas para satisfazer seus desejos.

Com Alvina, sua opinião começava a mudar.

Ela admirava-o, ouvia atentamente tudo o que ele dizia e embora estivesse também emocionada por estar junto dele, seus sentimentos eram os mais puros.

Não sabia flertar nem tentava tocá-lo com pequenos gestos provocadores.

Estava simplesmente feliz por estar com ele, contando cheia de entusiasmo tudo o que estava fazendo na propriedade, em nome dele.

Fez o relato de modo tão interessante que o duque ficou admirado com o tempo que permaneceram na sala de jantar.

Quando passaram para o salão que rescendia a flores, iluminado por velas, Alvina sentiu-se na obrigação de falar sobre Jason.

– Preciso... lhe dizer... uma coisa.

– O que é? – perguntou o duque.

– O primo Jason esteve aqui hoje.

– Jason?

O nome foi proferido pelo duque, como se fosse um tiro.

– Sim, ele estava furioso... e amargo.

– Ele devia estar a caminho de Dover. Disse-lhe para abandonar o país.

– Ele estava muito zangado!

– Isso eu posso entender. Paguei as dívidas dele, que eram astronômicas, cmm a condição de ele sair de Inglaterra. Uma anuidade será enviada para onde ele estiver, desde que não volte para cá.

– Estou certa que foi muito generoso com ele. Mesmo assim, ele estava fora de si.

– Jason aborreceu você? – perguntou o duque imediatamente.

– Ele... ele amaldiçoou você! O duque desatou a rir.

– Não me admira nada. O meu amigo Gerald Chertson disse que por mais que eu faça por Jason, ele nunca ficará agradecido.

– Ele odeia você... e tenho medo... que possa feri-lo. O duque sorriu.

– Não precisa se preocupar comigo. Garanto que sei tomar conta de mim mesmo.

Notando que Alvina estava sinceramente preocupada, acrescentou:

– Não sobrevivi todos esses anos, lutando contra os exércitos de Napoleão, para ser exterminado por um rato como Jason!

– Ratos encurralados podem ser... perigosos!

— Jason não está encurralado — respondeu o duque. — Um dos motivos do meu atraso em Londres foi porque estava me certificando que suas dívidas estavam sendo todas pagas e que o seu rendimento seria depositado trimestralmente num banco da França. Garanto que com aquela verba, não vai morrer de fome de maneira alguma.

— Continuo receando... por você.

— Não quero que Jason seja motivo de preocupação para você ou para mim, por isso trate de esquecê-lo. Vamos falar de assuntos mais agradáveis.

Reparando que o olhar de Alvina ainda estava nublado, disse para acalmá-la:

— Fico-lhe muito agradecido por se preocupar comigo, mas preferia que pensasse mais em você mesma.

Ela permaneceu calada.

— Não vamos falar nesse assunto esta noite, mas vou pensar muito bem no que você me disse e quero que faça o mesmo. Temos que tentar chegar a um acordo sobre o que será melhor para você.

— Você... você já sabe o que é — murmurou Alvina.

— Fui para a cama muito tarde e você também deve estar cansada. Sugiro que vamos nos deitar. É verdade, me esqueci de perguntar como está a Srta. Richardson.

— Não muito bem. Há dois dias que está de cama. As novas empregadas estão cuidando dela. Espero que amanhã já possa se levantar.

— Vou lhe fazer uma visita. Agora vamos dormir. Proponho um encontro, amanhã às sete e meia da manhã, para darmos um passeio a cavalo antes do café.

— Vai ser maravilhoso! Estava morrendo de vontade que você fizesse esse convite. Estou ansiosa para vê-lo montar o Cavaleiro Negro.

O duque levantou as sobrancelhas, admirado.

— É esse o nome do meu puro-sangue? Alvina ficou um pouco atrapalhada.

— Achei que você não ia se importar se eu o batizasse. Seu nome era horrível e não tinha nada a ver com o castelo.

O duque desatou a rir.

— Então passará a ser Cavaleiro Negro. Um dia eu lhe contarei porque acho o nome muito apropriado.

— Conte agora! — ele exclamou.

– Amanhã. Estou precisando do meu sono restaurador e você precisa continuar viva, para os vestidos novos.

– Que ainda não lhe agradei direito.

– Agradeça quando chegarem os próximos.

Tinha encomendado mais dois. O resto ela compraria quando chegasse a Londres. Talvez tivesse que alterar os planos. Fora um erro pedir a ajuda da Condessa de Jersey, antes de saber ao certo se Alvina estaria de acordo.

Mas neste momento não queria falar no assunto. De braços dados, subiram as escadas, após o duque dar ordens para deixarem os cavalos prontos de manhã.

Antes de cada um seguir para seus aposentos, o duque falou:

– Durma em paz e não fique preocupada. Prometo que não vou forçá-la a nada.

Pegou na mão dele, que a olhou ternamente, dizendo:

– Você é maravilhoso. Quero fazer tudo para deixá-lo satisfeito.

– Mas é só o que tem feito até agora. E se está agradecida, eu estou muito mais, por tudo.

– Mas ainda não terminamos – disse Alvina.

– Sim. Ainda não terminamos – concordou o duque.

– Então... boa noite... e obrigada – disse com um pequeno soluço na voz.

O duque lhe beijou a mão e ela desapareceu na escuridão do corredor, como se fosse um dos fantasmas do castelo.

O duque ficou ali, parado, até que acordou de seus pensamentos dirigindo-se para o quarto.

Deitada na escuridão, Alvina não conseguia pegar no sono. Muitas coisas tinham acontecido naquele dia e tudo lhe parecia um sonho até o momento em que o duque chegou. A partir daí sentiu uma nova vida dentro de si.

– Ele está de volta. Por favor, meu Deus, faça ele ficar muito tempo – murmurava, como se rezasse uma prece.

Gostaria de ter perguntado o que ele fizera em Londres, mas teve vergonha.

Quando ele falou que na véspera deitara quase de manhã, ela imaginou que devia estar se divertindo com alguma mulher bonita. Uma que despertava o seu interesse, enquanto que ela seria incapaz. Era uma tola

ignorante.

Alvina não fazia a mínima idéia do sabor de um beijo. Mas tinha certeza de que se o duque a beijasse seria maravilhoso.

— Talvez seja como tocar num raio de sol, ou sentir uma estrela cintilando no peito — murmurou.

Tinha beijado a mão do duque, numa atitude de gratidão, pois não havia palavras para expressar o que sentia por tudo o que ele fizera desde que viera para o castelo.

Pensou na alegria dos empregados readmitidos, o medo desaparecendo do olhar dos velhos, a satisfação dos camponeses.

“Como é que um homem só consegue mudar tudo de um dia para a noite”, pensou Alvina.

— Ele é maravilhoso... simplesmente maravilhoso! — sussurrou.

Subitamente, como uma cobra assobiando dentro dos seus pensamentos, ouviu a voz de Jason amaldiçoando o duque.

Estremeceu, lembrando-se das palavras dele e do olhar cheio de maldade.

— Se puder, é capaz de matar Dave para ser o sexto duque de Harlington.

Aquela idéia era aterradora.

Com Jason não haveria melhoramento nenhum nas propriedades, ele iria esbanjar todo o dinheiro da herança, em Londres, ou talvez encher o castelo com os seus amigos sem caráter.

“Não pode acontecer”, pensou, começando a rezar.

— Meu Deus, protegi o duque. Não permita que o primo Jason lhe faça nenhum mal.

Uma idéia lhe passou na cabeça, enquanto rezava. Repentinamente ficou tensa.

Quando encontrou Jason, ele parecia estar vindo da suíte principal. Alvina se surpreendeu por não ter sido avisada pelos empregados.

Ora, se não a avisaram é porque não sabiam que ele estava no castelo.

Jason estivera ali muitas vezes, desde criança, e conhecia o castelo tão bem quanto Richard.

Devia saber que havia muito mais entradas, além da porta principal.

Como se uma força invisível fosse direcionando sua mente para o passado, Alvina se lembrou como Richard e Dave, costumavam subir na

velha torre para ver qual dos dois era mais corajoso.

A torre tinha sido construída ainda em tempos medievais e as pedras, gastas e mal alinhadas, formavam uma escada precária.

Embora nessa época fosse muito criança, lembrava-se do irmão junto com outro garoto apoiando-se nas pedras cinzentas para tentar chegar ao topo.

Parecia ouvir a voz de Richard, gritando:

— Cheguei. Eu ganhei! Você perdeu, Jason, e tem que me pagar um saco de balas!

“E assim que Jason deve ter entrado, pensou. Mas por quê? Essa é a questão.”

Descobrimo a resposta, sentou-se na cama, aterrorizada.

CAPÍTULO VII

No meio da escuridão, Alvina saiu correndo do quarto, dirigindo-se aos aposentos do duque, que ficavam na outra extremidade do castelo.

Nunca andara tão rápido. Chegou na porta, respirando com dificuldade.

Girando a maçaneta, entrou na elegante antecâmara do duque.

Abriu a porta do quarto, sem bater.

O luar entrava pelo quarto, espalhando sua luz prateada. Olhou para a cama e do modo como estavam as cortinas, parecia que não havia ninguém deitado.

A hipótese do duque já estar morto, fez com que o coração de Alvina doesse como se lhe tivessem cravado um punhal.

Naquele momento de agonia, percebeu que amava o duque.

A cama se mexeu e ele exclamou, incrédulo:

— Alvina? O que foi? O que é que você quer?

Tinha ido para a cama pensando em Alvina, preocupado em saber se estava agindo corretamente em relação a ela.

Cansado, adormeceu rapidamente e acordou ao pressentir a presença de alguém no quarto. Habitado ao perigo, seu sono era leve. No entanto, não tinha a certeza se era mesmo Alvina, ou se estava sonhando.

O luar não chegava até ela, mas podia ver uma figura branca, etérea.

Chegou a pensar que poderia ser um fantasma ou uma aparição. Sempre ouvira dizer que essas coisas aconteciam no castelo.

Depois, certificou-se que era Alvina e chamou-a. Ela se aproximou da cama.

— É... Jason... primo Dave — disse, sem fôlego. O duque sentou na cama.

— Jason? — repetiu. — Em que é que você está pensando?

— Eu sei que ele pretende... matar você!

O duque olhava para Alvina, como se não a ouvisse direito.

Agora que ela estava junto dele, podia ver que tinha os olhos muito abertos e que tremia.

— Eu... não podia... ter me esquecido de lhe contar... mas eu o

encontrei saindo daqui pelo corredor e ele não entrou no castelo pela porta da frente.

— Não estou entendendo.

— Lembra-se como você e Richard costumavam subir na torre. Mamãe e papai diziam que depois não deviam descer por lá, que era muito perigoso, e sim voltar pela passagem secreta que vai dar dentro da própria torre.

O duque entendeu o que ela queria dizer.

— Você está sugerindo que Jason pode entrar no castelo, de uma maneira tão esquisita, para me matar enquanto eu estou dormindo?

— Tenho a certeza absoluta que é isso mesmo que ele quer fazer! Por favor, acredite em mim, eu sei que é isso que ele está planejando... posso até sentir o seu espírito demoníaco cada vez mais!

Pensou no brinde que Jason fizera: “O duque morreu! Viva o duque!” Não podia perder mais tempo.

— Levante-se! Por favor, não se deixe apanhar de surpresa! Só tive medo que fosse tarde demais para avisar você!

Vendo o terror estampado no rosto de Alvina, o duque não discutiu.

— Espere por mim lá fora. Não me demoro nada. Alvina foi para a antecâmara, fechando a porta.

Ali estava tudo às escuras, a vela já apagara, talvez por causa da porta aberta.

Só nesse momento, tomou consciência de que usava uma roupa muito transparente.

Quando desceu para jantar, sentia-se uma verdadeira princesa dos contos de fadas, com o vestido que o duque lhe presenteara.

Por isso, quando foi para a cama não teve vontade de vestir uma das suas velhas camisolas. Sentindo que era uma ocasião especial, abriu uma gaveta e tirou a última camisola que ainda tinha de sua mãe.

Comparada com as dela, aquela era linda. Sua mãe raramente a vestia, porque conforme contara a Alvina, tinha muita estimação por essa peça: fora presente do marido, durante a lua-de-mel.

Era de tecido fino, quase transparente e tinha uma renda na volta do pescoço, nas mangas e na barra da saia.

Usou-a como que para prolongar o encantamento daquela noite e agora estava aflita. O duque podia ficar chocado com aquele tecido transparente.

Tinha pulado da cama tão rápido, que só se lembrara de apanhar um xale de lã para pôr nas costas.

Nervosa, cobriu o peito com o xale.

Só esperava que o duque não tivesse reparado no que ela vestia. Com a vida dele correndo perigo, nem tinha lhe passado pela cabeça trocar de roupa antes de correr ao quarto dele.

Assim que Dave estivesse pronto, subiriam a escada de pedra dentro da torre, trancando bem a porta secreta lá dentro. Por piores que fossem as intenções de Jason, ele não poderia entrar no castelo.

Como Richard e os primos insistiam em subir na torre, sua mãe mandara colocar uma trava de ferro com parafusos dos dois lados.

— Quero que vocês prometam que se subirem lá, vão descer pela torre só até a passagem secreta. A descida é muito mais perigosa do que a subida.

Alvina se lembrava de Richard praguejando porque tinha prometido à mãe e não ia quebrar a promessa. Jason iria desatarrachar a tranca da passagem no alto da torre e descer por ela, como os soldados costumavam fazer quando o castelo fora construído no século XII.

Ouviu o duque fechar uma gaveta e voltou a ter medo. Ele estava se demorando. Talvez Jason entrasse no castelo antes de ter tempo de fechar a porta da passagem secreta, pelo lado de dentro.

— Depressa! — ela chamou. — Depressa! — Só me demorei uns minutos — respondeu o duque abrindo a porta.

Com a luz do luar viu que ele vestia uma calça preta, uma camisa de linho fina e um lenço de seda protegendo o pescoço. Embora não pudesse distinguir claramente, sentiu que estava sorrindo para ela.

— Alvina, penso que tudo isto é resultado de sua fértil imaginação, mas para deixá-la feliz, vou trancar a porta da torre. Assim você vai poder dormir em paz.

— Obrigada — disse Alvina. — Mas... por favor... vamos depressa.

Ele não iria entender se lhe dissesse que pressentia o espírito maligno de Jason se aproximando mais e mais... Havia apenas duas velas acesas, mas viam perfeitamente a porta que levava à torre.

Quando estavam chegando, Alvina pensou que se encontrassem porta trancada o duque iria caçar dela por ter se alarmado gratuitamente.

Mas a porta estava aberta e ela percebeu que ele também achou estranho.

Entraram na torre, pelos degraus de pedra. O luar penetrava ligeiramente pelas seteiras, permitindo que não tropeçassem. O duque ia na frente, movimentando-se com agilidade e como usava sapatos acolchoados, não fazia barulho nenhum.

Só nesse momento é que Alvina percebeu que estava descalça. Mas não tinha importância, o principal era impedir Jason.

Continuou subindo, sem se incomodar com o frio e a aspereza das pedras que machucavam seus pés delicados.

Assim que chegaram ao topo viram que a porta estava fechada. O duque se virou para baixo, dizendo:

— Os seus receios eram infundados, Alvina.

Estendeu a mão e verificou que a porta afinal estava só encostada. Abriu-a e o luar entrou pela torre.

— Não estava trancada! — murmurou Alvina, aflita, vendo o duque sair para o telhado, em vez de trancar a porta.

Estendeu a mão para ajudá-la a subir também.

Agora estavam em cima das condutas que tinham sido instaladas para impedir que a água de chuva se acumulasse no alto da torre e provocasse infiltrações na parte nova da casa.

Como estava descalça, Alvina conseguia se equilibrar bem.

— Faz tantos anos que não venho aqui que já nem lembrava como é alto. De dia, tem a vista mais linda que se pode imaginar.

Foi até um dos lados da torre, olhar para o vale que se estendia à direita do castelo. Estava lindo, banhado pelo luar.

Nesse preciso momento, Alvina ouviu um barulho vindo do outro lado e avistou uma sombra.

Engoliu em seco, assustada.

Antes que o duque tivesse tempo de se virar, Jason pulou o parapeito para dentro da torre, tentando se equilibrar na conduta.

— Pelo que vejo, vou ter uma festa de recepção! — disse sarcasticamente. Suponho que a nossa intrometida e chata prima Alvina, adivinhou que eu vinha visitar você esta noite, não?

— O que está fazendo aqui, Jason? — perguntou secamente o duque.
— A esta hora já devia estar em Dover.

— Chegarei a Dover amanhã de manhã, onde ficarei sabendo que desgraçadamente, o meu querido primo, duque de Harlington teve um

acidente horrível durante a noite — afirmou, tirando um longo punhal da cintura.

Alvina só tinha visto aquele tipo de arma nos quadros de piratas. Gritou, horrorizada, vendo que Jason não estava blefando quando disse que o duque ia morrer em agonia.

“Devia ter obrigado o duque a trazer uma arma”, ela pensou, tarde demais. Mas não lhe passara pela cabeça que ele subiria para o telhado. Tinha pensado que se limitaria a trancar a porta, para evitar que Jason entrasse no castelo.

O duque olhava para o primo com desprezo.

— Você está achando que pode me assassinar e que não vai ser enforcado pelo seu crime?

— Foi uma falta de sorte você ter feito a loucura de vir para a torre, quando podia morrer muito mais confortavelmente na cama — escarneceu Jason. — Trazer essa pirralha idiota com você, foi um erro ainda maior.

— De seu ponto de vista, é claro — disse o duque. — Os criminosos nunca gostam que seus crimes tenham testemunhas.

Falava normalmente, tentando nesse meio tempo chegar até Jason e esmurrá-lo, sem se ferir no punhal que ele lhe apontava.

O duque nunca tivera o hábito de subestimar o inimigo e sabia que fora idiota em ter subido na torre de mãos vazias.

Aquele tipo de punhal penetrava profundamente no corpo de um homem e se acertasse no coração, não havia possibilidade de sobreviver.

— É claro que Alvina, infelizmente vai cair do alto da torre. Enquanto que você vai se impalar, acidentalmente, nesse punhal.

— Muito bem planejado! — exclamou o duque. — Por outro lado, Jason, raramente os planos saem exatamente como foram previstos e aviso que lutarei ferozmente para viver e impedir que você se torne o novo duque.

A gargalhada de Jason não parecia de um ser humano.

Subiu mais um pouco, para ficar mais alto do que o duque, apontando o punhal como se fosse uma espada.

Naquela posição, o duque não ia conseguir chegar até ele sem ser morto, ou pelo menos ferido na tentativa.

Sem o casaco, em mangas de camisa, Jason era muito mais forte e atlético do que parecia com aquelas roupas exageradas.

Olhando para ele, Alvina voltou a pensar que um rato encurralado

pode lutar desonesta e ferozmente.

Estava tão apavorada que suas pernas pareciam não aguentar mais.

Caiu, meio sentada, meio ajoelhada, sentindo o coração bater descontroladamente.

Olhando para os dois homens em posição de luta, com Jason esperando para desferir o golpe mortal, ficou desesperada. Só Deus poderia salvar o duque.

— Salve ele! — pediu fervorosamente. — Oh, meu Deus, não o deixe morrer!

Segurando-se, para não desmaiar de horror, estendeu a mão e sentiu uma coisa dura, caída na conduta, a seu lado.

Tateou com os dedos, pensando que era uma pedra. Logo percebeu que era a mão de uma das estátuas, que devia ter se quebrado e caído ali.

Sem pensar, agarrou-a com força, e nesse momento teve a impressão que Rícharð estava a seu lado, dizendo como nos velhos tempos:

“Vamos, Vina, faça pontaria como um homem, em vez de atirar como uma mulher!”

Sempre que não havia ninguém melhor para jogar com ele, era ela quem lhe atirava as bolas para que pudesse treinar as batidas de críquete que iria disputar nos torneios de Eton.

Os dois homens continuavam se olhando e Alvina pressentiu que o duque devia estar pensando que sua única chance era pular sobre Jason e derrubá-lo antes que ele lhe pudesse enfiar o punhal.

Era uma possibilidade remota, muito remota, porque Jason estava mais acima do que ele, o que lhe dava vantagem.

O duque fez uma última tentativa.

— Largue essa arma mortal, Jason, e vamos conversar como pessoas civilizadas. Vou lhe dar mais dinheiro do que prometi, assim que você chegar na França.

— Eu não quero o seu dinheiro, quero o seu título e é isso que vou ter! Então serei o chefe da família. Eu, Jason Harling, que você desprezou. E você já estará morto, maldito!

Fez um gesto ameaçador com o punhal e Alvina temeu que naquele momento ele o cravasse no duque.

Levantando o braço, atirou o maciço de pedra com toda a força que possuía, exatamente como Richard lhe ensinara, apontando para a cabeça de

Jason.

A pedra voou no ar, acertando o rosto dele com tanta violência que Jason se desequilibrou.

Seu corpo balançou no ar e como estava mal equilibrado em cima da conduta inclinada, os pés dele escorregaram.

Tentou se manter firme, deixando cair a faca, na tentativa de segurar o parapeito para se apoiar, mas falhou e escorregou de novo.

De repente, tão depressa que mal deu para perceber o que acontecera, Jason rodou no ar, desaparecendo lá embaixo.

Alvina gritou e levantando-se correndo, foi se abrigar nos braços do duque.

— Tremia com tanta força que foi preciso o duque a segurar para não cair.

— Está tudo bem, minha querida. Você salvou a minha vida. Agora ele nunca mais vai poder nos fazer mal!

Alvina levantou o rosto e o olhou confusa. Será que tinha ouvido bem?

O duque abaixou a cabeça, lentamente, e seus lábios se encontraram.

Aquele beijo era tudo quanto Alvina tinha sonhado e nunca pensou que se realizaria.

A proximidade dele, o conforto de seus braços, a felicidade por ele estar vivo, tudo fazia parte daquele beijo maravilhoso.

A boca do duque foi ficando mais insistente, mais possessiva e o medo de Alvina desapareceu, dando lugar a um encantamento todo especial. Era como se naquele momento, um raio de luz iluminasse o seu coração.

Devia ser a luz do luar, que banhando aquele momento de sonho, dava a impressão de que no mundo só restava ela e o duque.

Ao beijar Alvina, o duque constatou espantado, que finalmente encontrara aquilo que sempre havia procurado durante toda a sua vida.

Sentindo a suavidade dos lábios dela colados aos seus, viu que ela fazia parte do castelo e dos seus ideais de garoto. Aquele amor completava seus sonhos. Não existia apenas nos contos de fadas, mas, ao contrário, era real.

O sentimento que ela lhe despertava era sublime e espiritual, completamente diferente do que havia sentido por qualquer outra mulher. Fazia parte dos seus princípios de honra e bravura, que devia ser o ideal de todos os homens.

Apertando Alvina mais contra o seu peito, soube que ela era a mulher que sempre desejou como esposa e que julgava impossível existir.

Ela tremia em seus braços e esse tremor não era fruto do medo. Afastou um pouco a cabeça, dizendo:

— Minha adorada, eu amo você!

— Você... me ama? — murmurou Alvina. — Eu... eu também amo você. Descobri esta noite, quando pensei que se você morresse... eu morreria também.

O pavor havia sido tão intenso que por instantes voltou a aparecer em seus olhos e em sua voz. Mas agora não precisava ter medo nunca mais.

— Você disse... mesmo... que me ama?

— Eu amo você — confirmou o duque. — E uma vez que você salvou a minha vida, minha querida, é justo que ela seja sua. Farei tudo o que você deseja, daqui para a frente.

Alvina escondeu o rosto no peito dele, exclamando feliz:

— Você... é tão... maravilhoso! Eu sabia que Deus não ia deixar você morrer... e quando eu estava rezando... ele me disse o que devia fazer!

Só aí o duque se lembrou que estavam em cima da torre e que Jason jazia morto, lá embaixo.

— Vamos sair daqui, conversaremos melhor dentro de casa. Alvina não se mexeu.

— Vou me lembrar sempre que foi aqui... com o luar e as estrelas iluminando o seu rosto... que você me beijou... pela primeira vez.

O duque voltou a beijá-la, envolvendo-a em seus braços.

Alvina sentiu que os dois estavam sendo banhados por uma luz divina, por algo sagrado como se fosse uma parte do próprio Deus. — Vá descendo as escadas, meu amor. Eu vou me livrar desta arma horrível e já desço.

Nesse momento, Alvina percebeu que ao correr para os braços dele, quando Jason caiu, o seu xale tinha ficado no chão. Cobrindo o peito com os braços, disse corando, envergonhada:

— Desculpe... eu me esqueci... que estava só de camisola. O duque sorriu.

— Você está muito bonita, minha querida. Se bem que um pouco fora do convencional.

Excitado, puxou-a de novo para os seus braços, beijando-a

apaixonadamente.

Aquele beijo foi diferente do anterior. Mais possessivo, embora o duque tentasse controlar o desejo que estava sentindo, com medo de assustá-la.

Sentindo que ela correspondia, seu corpo estremeceu, ansiando por ela de uma forma desconhecida para ele.

Respeito, talvez fosse a palavra certa, ou simplesmente amor. O amor verdadeiro que ele nunca esperou encontrar.

Levantou a cabeça para olhar o rosto radiante de Alvina.

— Eu amo você.

— Eu amo você mais do que tudo neste mundo — sussurrou ela.

O duque então deixou-a descer.

Depois foi com todo o cuidado até onde Jason deixara cair o punhal com que pretendia matá-lo.

A lâmina brilhou à luz da lua quando o duque atirou-a para uma moita fechada que havia de um dos lados embaixo da torre. Demoraria muito tempo até que o punhal fosse encontrado.

Ao jogar fora o punhal, sentiu que com aquele gesto, afastava de si e de Alvina tudo o que era mau e perigoso. Agora podia protegê-la e a todos os que dependiam dele, tranquilamente, para o resto da vida.

Antes de descer, deu uma olhada lá para baixo.

Na sombra da torre, prostrado no chão, viu o corpo de Jason Harling.

Caindo de uma altura daquelas, não havia possibilidade de estar vivo. De manhã, quando encontrassem o corpo, inventaria uma explicação qualquer.

Diria, talvez, que Jason quisera visitar a torre pela última vez, antes de ir embora da Inglaterra. Ninguém precisava ficar sabendo que as intenções dele eram bem diferentes.

Afastando-se, o duque alcançou Alvina que descia lentamente as escadas em direção à porta que ia dar no fundo do corredor.

Fechou a porta, mas não a trancou.

Deixar a porta aberta simbolizava que agora não tinham mais razão para temores e que não só a vida deles, mas tudo quanto o castelo continha, e as pessoas que viviam ali, estavam fora de perigo.

Protegidos pela mesma força que o salvara de uma morte horrorosa.

Quando chegou no corredor, Alvina estava esperando por ele, com o

rosto iluminado por uma estranha luz interior.

Abraçou-a e juntos foram para os aposentos principais.

O quarto continuava banhado pelo luar e o duque levou Alvina até a janela aberta.

Ficaram olhando para o lago, que parecia um espelho prateado cercado pelas grandes árvores do parque, com as folhas brilhando em cima dos troncos negros.

Suspirando, foi Alvina que falou primeiro.

– Agora... não precisamos mais... ter medo.

– É verdade. Vou tomar conta de você. Como minha esposa, você nunca mais vai sentir medo, só felicidade.

Alvina gritou de alegria como se fosse uma criança.

– É mesmo verdade... que você me ama?

– Vai levar muito tempo para eu conseguir demonstrar o quanto amo você. Descobri que você é o meu ideal de mulher, que sempre procurei e sonhei.

Apertou-a mais, antes de continuar:

– Foi uma longa viagem até encontrá-la, minha adorada, mas agora eu nunca mais vou me separar de você! Você é minha. Alvina levantou o rosto para ele, pensando que iam se beijar, mas o duque falou:

– Você não vai para Londres, nem vai ser aclamada como uma beldade da alta sociedade. Vai ficar aqui comigo. E aviso que vou ficar cheio de ciúmes se você mudar de idéia.

Alvina desatou a rir. Parecia um pássaro chilreando na primavera.

– Oh, querido e maravilhoso, Dave! Você sabe que ficar no castelo com você é tudo o que eu quero... Mas ainda não consigo acreditar que você me ama.

– Eu vou fazer com que você acredite.

– Mas eu não sei se consigo... distrair você, como as mulheres lindas que você conheceu em Paris e em Londres. Talvez daqui a pouco tempo se farte de mim.

O duque sorriu, lembrando-se que todas as mulheres que tivera, passado um certo tempo, o aborreciam, tal como acontecera com Christine.

Nunca nenhuma delas lhe poderia dar o mesmo que Alvina. Disse suavemente, olhando-a nos olhos:

– Algum dia vou fazer você entender que o amor que sentimos um

pelo outro é completamente diferente.

— É mesmo?

— Juro que é. Sabe, quando eu era garoto, o castelo representava para mim, tudo o que era bom e nobre. Dentro do meu coração sempre soube que a mulher que reinasse aqui comigo, também tinha que ser boa, nobre, bonita e que amasse só a mim e a mais ninguém.

Acentuou as últimas palavras, lembrando-se como sempre se afligira com a possibilidade de se casar com alguém que depois o traísse.

Alvina era completamente diferente e tinha medo que ela pudesse mudar. Apertando-a com força, acrescentou:

— Você é minha, só minha e se deixar de me amar, eu estrangularei você, ou jogo-a da torre abaixo, como Jason queria fazer!

Arrependeu-se de falar daquela maneira, com medo que Alvina acreditasse e se assustasse, mas ela desatou a rir, encostando-se ainda mais nele.

— Acha que alguma vez vou olhar para outra pessoa a não ser você? Conheci muito poucos homens, mas, mesmo assim, nenhum podia ser mais gentil, nem mais parecido com os antigos cavaleiros que habitavam este castelo.

O duque olhou para ela surpreendido.

— Às vezes penso que esses cavaleiros ainda estão aqui com a gente. Quando me sentia só e tinha medo, parecia que eles estavam me protegendo. Como se dissessem que um dia tudo seria muito diferente.

Suspirou profundamente, antes de continuar.

— Quando você veio, para mim era um cavaleiro numa armadura dourada, que vinha matar o dragão que estava destruindo tudo.

— Foi você quem fez isso, minha querida, mas nunca deve contar a ninguém, nem sequer pensar mais nesse assunto.

— Acho que não errei... em matar o primo Jason. Se ele matasse você, tanta gente iria sofrer... quem sabe se muito mais do que sofreram com papai.

— Não vamos voltar a falar nisso — disse o duque com firmeza. — Só quero pensar em beijar você.

Seus lábios se encontraram num beijo apaixonado.

Alvina sabia que o duque estava certo quando afirmava que juntos tornariam o castelo e todos aqueles que dependiam deles, num lugar de

nobreza e honra.

Talvez o que acontecia ali se refletisse como uma luz de esperança para os outros lugares do país, onde ainda precisavam desesperadamente de ajuda.

Todas as gerações anteriores que viveram naquele castelo pareciam estar unidas, dando a força que eles precisavam para desempenhar a grande tarefa que tinham pela frente.

Como tinha salvado a vida dele, ela agora não se sentia mais insignificante e insegura, como no passado.

Ele seria sempre o seu guia, o seu protetor. E ela tinha algo muito grande para lhe dar. O amor, o verdadeiro amor que ele disse nunca ter encontrado antes.

Levantou os braços para tocá-la e não reparou que o xale tinha voltado a cair.

— Eu amo você... eu amo você! Quero aprender tudo para fazê-lo feliz. Deus vai nos abençoar!

— Eu estou feliz, meu amor — respondeu o duque. — Mais feliz do que nunca e vamos expressar a nossa gratidão a Deus, espalhando felicidade à nossa volta, também.

Beijou a testa de Alvina depois seu pequeno nariz, o queixo e finalmente seus lábios.

Sentiu que ela tremia, com uma excitação até então desconhecida. Ele próprio, nunca desejara tanto uma mulher.

— Céus, como eu amo você! — disse com uma voz profunda e ansiosa.

— Quando é que você vai se casar comigo? Não aguento esperar muito para tornar você minha mulher!

— Estou pronta agora... neste momento... ou amanhã! — respondeu Alvina impulsivamente.

Ele riu ternamente.

— Era tudo o que eu queria ouvir.

— Podemos nos casar aqui... na capela?

Parecia preocupada que ele não concordasse com a sugestão.

— Claro! Não consigo achar nada mais adequado que nos casarmos sem um batalhão de amigos e parentes à nossa volta. Mas apenas com aqueles que viveram e morreram neste castelo, nos abençoando de onde estiverem.

Alvina ficou radiante, era tudo quanto ela queria.

– Como é que você... pode pensar exatamente como eu? Acreditar... no que eu acredito? E querer o mesmo... que eu quero?

– A resposta é muito simples. Nós somos uma só pessoa, minha adorada, e quando se tornar minha esposa vai descobrir que a nossa vida em comum será, excitante e feliz, porque nós nos completamos.

Alvina não cabia em si de tanta felicidade.

Beijaram-se novamente. Beijos cheios de paixão e desejo. Alvina sentia o coração dele batendo descompassadamente de encontro ao seu.

Tinham passado por grandes perigos até se encontrarem e nenhum dos dois voltaria a ficar sozinho.

No mundo inteiro só havia o amor que os unia.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

DOCE FORÇA DO AMOR

O marquês de Broome fechou os olhos com força e depois abriu, olhando em torno, devagar. Queria fixar aquela cena incrível que estava lhe acontecendo. Ele, um dos homens mais ricos e influentes da corte, estava se casando com uma moça que não conhecia! Clara, a noiva, também o fuzilava com o olhar e não parecia disposta a dizer o “sim” que o padre aguardava com impaciência. Durante anos o marquês escapara de todas as artimanhas preparadas pelas jovens casadoiras de Londres. Jamais esperara cair numa armadilha tão sórdida: casar para não arruinar sua reputação, ameaçada pela acusação de raptar e violentar uma menor...